

SIMON SCARROW

CENTURIÃO

TRADUÇÃO DE JOSÉ SARAIVA

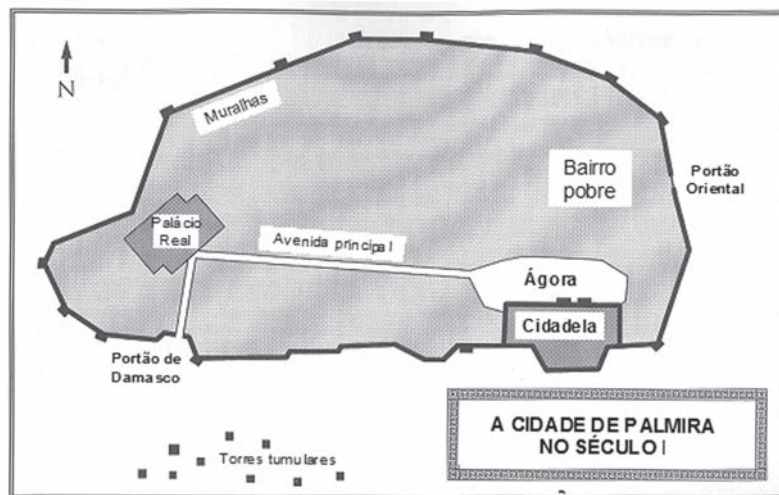
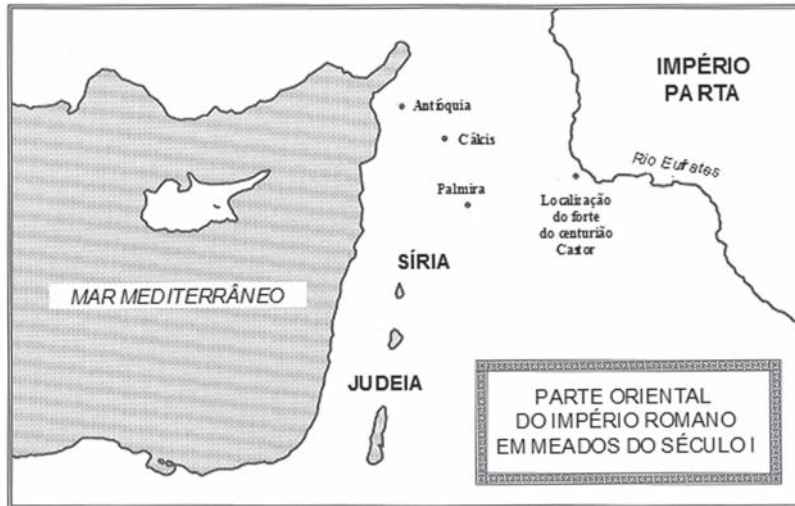


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Este livro é dedicado a todos os meus estudantes —
ensinar-vos foi um privilégio. E aqui vos deixo também
um obrigado por tudo o que me ensinaram em retorno.*







O EXÉRCITO ROMANO

Uma breve nota acerca das legiões e das coortes auxiliares

Os soldados do Imperador Cláudio prestavam serviço em dois corpos, as legiões e as unidades auxiliares, de que são exemplos a Décima Legião e a Segunda Coorte Ilírica, protagonistas deste romance.

As legiões eram as unidades de elite do exército romano. Os seus elementos eram cidadãos romanos, e estavam fortemente armados e bem equipados, sendo submetidos a um regime de treinos brutal. Além de serem a ponta de lança militar da política romana, as legiões eram também utilizadas na concretização de grandes projectos como estradas e pontes. Cada legião tinha, por norma, um efectivo de cinco mil e quinhentos homens. Estes eram divididos por dez coortes; cada uma delas era composta por seis centúrias de oitenta homens (e não de cem, como seria de supor) mas a primeira coorte tinha o dobro do efectivo das outras e tinha geralmente a missão de proteger o flanco vulnerável, o direito, quando em combate.

Ao contrário das legiões, as coortes auxiliares recrutavam os seus elementos nas províncias, sendo a cidadania romana atribuída aos que conseguiam sobreviver aos mais de vinte anos de serviço activo que os esperavam antes da passagem à disponibilidade. Os romanos não conseguiam apresentar grandes unidades de cavalaria com capacidade efectiva de combate, nem unidades de combate à distância (nomeadamente arqueiros e fundibulários) mas, sendo um povo eminentemente prático, atribuíam a maior parte destas especialidades às coortes auxiliares em que não existiam cidadãos romanos, numa espécie de subcontrato. Os auxiliares tinham um treino profissional tão aturado como as legiões, mas o equipamento que lhes era distribuído era mais ligeiro, e o pagamento que recebiam seguia o mesmo princípio. Os seus deveres eram geralmente limitados a guarnecer postos nas províncias e a policiar as áreas respectivas em tempos de paz; quando em campanha, actuavam como batedores e tropa ligeira, sendo a sua principal tarefa a de fixar o inimigo no terreno de forma a permitir que as legiões, mortíferas no combate próximo, se aproximassem e entrassem em contacto com ele. As coortes auxiliares eram geralmente compostas por seis centúrias, embora pudessem ser mais numerosas; era o caso da

Segunda Ilírica, que possuía ainda esquadrões de cavalaria. Em épocas de campanha, as coortes auxiliares eram geralmente agrupadas em brigadas com as legiões.

Quanto às patentes, tanto as centúrias das legiões como as das coortes auxiliares eram comandadas por um centurião, coadjuvado por um *optio*. As coortes das legiões eram comandadas por centuriões-chefe; as das unidades auxiliares eram comandadas por *prefeitos* — normalmente antigos centuriões com vasta experiência, promovidos das legiões. As legiões eram comandadas por *legados* com um estado-maior composto por *tribunos*, jovens oficiais de origem aristocrática que aí adquiriam a sua primeira experiência militar. Quando se formava um exército, o comando era geralmente atribuído a um indivíduo de comprovada competência militar, e que era escolhido pelo Imperador. Não era invulgar que esse homem ocupasse simultaneamente outros postos, como por exemplo o governo de uma região; era o caso de Cássio Longino, um dos personagens deste livro.

Enquanto o entardecer descia sobre o forte em construção, o comandante da coorte dirigiu o olhar do alto da falésia para o rio. Uma leve neblina cobria o Eufrates e inundava as margens, erguendo-se acima das árvores que ladeavam o rio, fazendo-o assemelhar-se ao ventre macio de uma gigantesca cobra a serpentear lentamente pela paisagem. A imagem fez com que os pelos da nuca do centurião Castor se eriçassem. Puxou a capa para cima dos ombros, fechando-a com força sobre o peito, semicerrou os olhos e perscrutou o território que se estendia do outro lado do Eufrates: a Pártia.

Mais de cem anos tinham decorrido desde o momento em que o poderio romano se tinha pela primeira vez confrontado com os partos. E desde então os dois impérios enfrentavam-se num jogo letal pelo controlo de Palmira, a região a leste da província romana da Síria. Agora que Roma negociava um tratado de amizade com Palmira e estreitava os laços com o reino, a sua influência alargava-se até às margens do Eufrates, ou seja, até à porta de entrada nos territórios do velho inimigo. Já nada separava Roma e Pártia, e quase ninguém tinha dúvidas de que a hostilidade latente entre as duas potências daria rapidamente lugar a um conflito aberto. Quando o centurião e os seus homens tinham passado pelos portões de Damasco já as legiões da Síria se estavam a preparar para uma campanha.

Tal pensamento fez com que o centurião Castor se sentisse mais uma vez amargamente ressentido com as ordens que recebera de Roma: levar uma coorte de tropas auxiliares pelo deserto, muito para lá de Palmira, para construir um forte ali mesmo, nas falésias à beira do Eufrates. Palmira estava a oito dias de marcha para ocidente, e os soldados romanos mais próximos estavam ainda a outros seis dias de marcha, em Émeso. Castor nunca se sentira tão isolado em toda a sua vida. Ele e os seus quatrocentos homens encontravam-se nos verdadeiros confins do Império, estacionados naquele penhasco, à espera de algum sinal de que os partos se iam decidir a atravessar o Eufrates e atacar.

Depois de uma marcha extenuante pelo deserto rochoso e desolado tinham montado acampamento no sopé das falésias e começado a construir um forte que guarneceriam até que um qualquer oficial emproado

nos gabinetes de Roma se lembrasse de os substituir. Durante a marcha, a coorte tinha-se visto cozida pelo dia, sob o calor tórrido do sol, e congelada pela noite, quando a temperatura caía que nem uma pedra e os homens se embrulhavam nas capas e tremiam de frio. A água tinha sido estritamente racionada, e quando finalmente tinham alcançado o grande rio que atravessava o deserto e banhava a área do crescente fértil, os homens tinham fugido ao controlo dos oficiais e corrido para saciar a sede, entrando pelo rio, levantando a água aos céus e deixando-a cair às mãos cheias sobre os lábios ressequidos.

Depois de três anos colocado em Cirro, cidade guarnecida pela Décima Legião, recheada de jardins bem irrigados e que oferecia todos os prazeres da carne que um homem podia desejar, Castor encarava o seu novo posto temporário com crescente receio. A coorte podia bem vir a passar meses naquele canto esquecido do mundo, talvez anos. Se não morressem de aborrecimento, os partos com toda a certeza acabariam por se encarregar de lhes dar esse destino. Por isso, assim que tinha encontrado um ponto na falésia que permitia dominar o vau do rio e ter uma perspectiva aberta sobre as vastas planícies da Pártia que se estendiam na outra margem, o centurião tinha obrigado os homens a trabalhar no duro na construção de um novo forte. Castor estava absolutamente certo de que as notícias da presença romana na área chegariam aos ouvidos do rei da Pártia em poucos dias, e era por isso vital que a coorte erigisse defesas sólidas antes que os partos resolvessem agir. Os auxiliares tinham passado vários dias a aterrar a zona escolhida, e a preparar as fundações das muralhas e das torres do novo forte. Depois, os canteiros tinham preparado rapidamente as pedras que tinham sido extraídas dos afloramentos próximos e trazidas para o estaleiro de construção por carroças de mulas. As muralhas já tinham as paredes confinantes à altura do peito de um homem, e o espaço entre elas estava a ser cheio com terra e pedras soltas; ao lançar um olhar sobre o estaleiro à luz do entardecer, o centurião Castor assentiu para si mesmo, satisfeito. Mais uns cinco dias e as defesas já teriam altura suficiente para poder mudar o acampamento para o interior das muralhas e deixar o fortim provisório lá em baixo. Nessa altura poder-se-iam sentir algo seguros em relação aos partos. E até que esse momento chegasse, continuaria a fazer os homens trabalhar sem descanso, pelo menos enquanto houvesse luz suficiente.

O sol já se pusera, e já só restava uma faixa de luz rosada a pairar no horizonte. Castor virou-se para o seu adjunto, o centurião Sétimo.

— Bem, é altura de dar o dia por terminado.

Sétimo assentiu, respirou fundo e levou as mãos em concha à boca, para que as ordens fossem ouvidas em todo o estaleiro.

— Coorte! Largar as ferramentas, e regressar ao campo!

Por toda a área, Castor viu as indistintas silhuetas dos homens a pousarem pás e picaretas e cestos de vime, e depois a pegarem nos escudos e lanças para formar no exterior da abertura correspondente à entrada principal do forte. Enquanto os últimos soldados se alinhavam levantou-se um vento vindo do deserto, e quando Castor franziu a vista na direcção do poente avistou uma densa massa de poeira que se aproximava velozmente.

— Vem aí uma tempestade de areia. — Resmungou, dirigindo-se a Sétimo. — Seria melhor chegarmos ao campo antes que ela nos alcance.

O outro acenou em concordância. Sétimo tinha passado quase toda a carreira na fronteira leste e sabia perfeitamente a rapidez com que os homens podiam perder qualquer noção da direcção correcta a seguir quando se viam engolidos pelas nuvens de poeira abrasiva e sufocante e eram açoitados pela areia levantada pelos ventos que varriam aquelas terras.

— Aqueles sacanas sortudos nem vão dar por ela.

Castor sorriu fugazmente. Tinha sido deixada meia centúria de guarda ao acampamento, enquanto os seus camaradas se afadigavam no cimo da falésia. Facilmente imaginava os homens a recolherem às guaritas das sentinelas, escondendo-se do vento e da areia.

— Bem, então vamos pôr esta malta a mexer.

Deu ordens para se porem em movimento e os homens obedeceram, seguindo pela trilha sinuosa que levava ao acampamento, a cerca de quilómetro e meio do local de construção. O vento subiu de intensidade enquanto a escuridão progredia sobre a paisagem, e as capas dos soldados esvoaçavam e batiam à medida que iam descendo a encosta pedregosa da falésia.

— Não vou ter saudades desta terra, senhor. — Resmungou Sétimo. — Tem alguma ideia de quando é que vamos ser substituídos? Tenho coisas à espera, e os miúdos lá em Emesa.

Castor abanou a cabeça.

— Não faço ideia. Mas tenho tanta vontade de me pôr a andar daqui para fora como vocês todos. Suponho que tudo depende da situação em Palmira, e do que os nossos amigos partos decidirem fazer quanto a isso.

— Filhos da puta. — Rosnou Sétimo. — Os sacanas não param quietos. Foram eles que estiveram por trás daquela confusão na Judeia no ano passado, não foram?

Castor assentiu em silêncio, enquanto recordava a revolta que tinha rebentado a leste do Jordão. Os partos tinham fornecido armas aos rebeldes, e tinham até enviado um destacamento de arqueiros montados. Só o esforço da guarnição do Forte Bushir tinha impedido que os rebeldes e os seus aliados levassem a revolta a toda a Judeia, e criassem um enorme problema a Roma. Mas agora os partos tinham voltado atenções para a cidade-oásis

de Palmira — um elo vital na rota do comércio oriental, e um tampão entre o Império e a Pártia. Palmira tinha conseguido manter um considerável grau de independência, e era mais um protectorado romano do que um estado subjogado. Mas o rei local estava a ficar velho, e os membros da sua casa mostravam bem as rivalidades que os separavam, tentando colocar-se na melhor posição para lhe suceder. E um dos mais poderosos príncipes de Palmira não escondia o seu desejo de se aliar aos partos em caso de se tornar o novo governante.

Castor limpou a garganta.

— Convencer os partos a manter as patas longe de Pamira é trabalho para o governador da Síria.

O centurião Sétimo franziu o sobrolho.

— Cássio Longino? Acha que ele está à altura dessa tarefa?

Castor manteve-se em silêncio enquanto pesava a questão.

— Sim, acho que sim. Não é nenhum lacaio, nenhum pau-mandado; é um homem que fez por merecer as promoções que recebeu. Se não conseguir triunfar no plano diplomático, estou certo de que nos guiará a uma vitória militar. Se tal se tornar necessário.

— Gostaria de partilhar a sua confiança, senhor. — Sétimo abanou a cabeça. — Pelo que ouvi, da última vez que se viu em sarilhos, o Longino não esperou muito tempo para se raspar.

— Quem te disse tal coisa? — Irritou-se Castor.

— Um oficial da guarnição de Bushir, senhor. Ao que parece, o Longino estava no forte quando os rebeldes apareceram. Saltou para a sela e pôs-se dali para fora mais depressa do que uma puta da Subura nos limpa a bolsa.

Castor encolheu os ombros.

— Por certo teria as suas razões.

— Evidentemente.

Castor encarou o subordinado com ar severo.

— Olha, não nos compete discutir as decisões do governador. Sobre tudo não ao pé dos homens. Portanto, guarda as tuas opiniões para ti mesmo, entendido?

O centurião cerrou os lábios antes de assentir.

— Como desejar, senhor.

A coluna continuou a descer a encosta enquanto o vento aumentava, e depressa as primeiras nuvens de poeira atravessaram a estrada. Em poucos momentos a paisagem em redor ficou escondida, e Castor abrandou o passo para se assegurar de que continuava a seguir o caminho para o acampamento. Prosseguiram com dificuldade, os ombros encolhidos enquanto se tentavam proteger das rajadas de areia por trás dos escudos. Daí a pouco o caminho começou a tornar-se plano, sinal de que tinham alcançado o sopé

da falésia. O acampamento estava já a curta distância, mas a areia e a escuridão crescente escondiam-no de vista.

— Quase lá. — Comentou Castor para si mesmo.

Sétimo ouviu-o e comentou.

— Ótimo. A primeira coisa que vou fazer quando chegar à minha tenda é limpar a garganta com um copázio de vinho.

— Bela ideia. Posso acompanhar-te?

Sétimo rangeu os dentes perante o pedido inesperado, e resignou-se entristecido a ter que partilhar o último dos frascos de vinho que tinha trazido de Palmira, através do deserto. Pigarreou e acedeu.

— Com todo o prazer, senhor.

Castor soltou uma gargalhada e deu-lhe uma palmada no ombro.

— Ora aqui está um tipo decente! Quando regressarmos a Palmira, sou eu que ofereço a primeira bebida.

— Sim, senhor. Obrigado... — De súbito, Sétimo deteve-se e esforçou a vista para tentar perceber o que se passava à distância. De imediato levantou o braço, dando sinal de paragem à coluna.

— O que foi? — Perguntou Castor sem alarme, ao lado do subordinado. — O que se passa?

Sétimo acenou na direcção do forte.

— Pareceu-me ver qualquer coisa à nossa frente. Um cavaleiro.

Os dois oficiais perscrutaram a areia rodopiante, de vistas e ouvidos atentos, mas não se notava qualquer sinal de presença humana, a pé ou montada. Apenas se viam os pobres arbustos sequiosos que ladeavam a estrada. Castor engoliu em seco e tentou aliviar a tensão que se apossara dos seus músculos.

— O que é que viste, exactamente?

Sétimo olhou-o com uma expressão exasperada, percebendo que o superior duvidava da sua palavra.

— Já disse, um cavaleiro. A uns cinquenta passos. Foi uma aberta na tempestade, só um instante, foi nessa altura que o vi.

Castor tentou serená-lo.

— Tens a certeza que não foi um efeito da luz? Podia muito bem ser um daqueles arbustos a agitar-se.

— Senhor, já lhe disse. Era um cavalo. Claro como água. Juro-o por todos os deuses. Ali mesmo à nossa frente.

Castor preparava-se para responder quando os dois homens escutaram um leve ressoar metálico acima do rugir do vento. Aquele som era inconfundível para qualquer soldado: espadas entrechocavam-se algures nas imediações. Logo a seguir escutou-se um gemido abafado, que desapareceu rapidamente, deixando apenas o vento a perturbar a tarde. Sentiu

o sangue gelar-lhe nas veias enquanto se virava para Sétimo e falava com aparente serenidade.

— Passa palavra aos outros officias. Eles que formem os homens em fileiras cerradas ao lado da estrada. Nada de espalhafato.

— Sim, senhor. — O centurião Sétimo fez a saudação e ficou para trás, para alertar toda a coluna. Enquanto os homens começavam a ocupar as posições designadas, Castor deu mais alguns passos na direcção do campo fortificado. Uma alteração súbita do vento permitiu-lhe um vislumbre do portão, e ele reparou num corpo pelo solo junto à estrutura de madeira, eriçada de setas. O véu de poeira voltou a esconder a cena, e Castor recuou para junto dos homens. Os auxiliares estavam formados numa linha com quatro homens de profundidade, escudos levantados e lanças em riste, enquanto olhavam ansiosos na direcção do campo. Sétimo aguardava pelo comandante à cabeça da centúria no flanco direito. Ao lado, a encosta subia num amontoado confuso de pedregulhos e arbustos.

— Senhor, viu alguma coisa?

Castor assentiu e esperou até estar ao lado do outro oficial para lhe falar em voz baixa.

— O acampamento foi atacado.

— Atacado? — Sétimo arqueou as sobrancelhas. — Por quem? Partos?

— Quem mais?

Sétimo acenou em concordância e deixou que a mão escorregasse até ao punho da espada.

— Senhor, quais são as suas ordens?

— Eles ainda estão por aí. No meio desta tempestade, podem estar em qualquer lugar. Temos que tentar recolher ao campo, verificar o interior e fechar os portões. É a nossa melhor hipótese.

Sétimo sorriu com ar sombrio.

— A nossa única hipótese, quer dizer.

Castor não respondeu, mas ajeitou as dobras da capa sobre os ombros e empunhou a espada. Levantou-a no ar e olhou ao longo da formação para se assegurar que todos os officias o imitavam e que a mensagem era compreendida pelos homens. Não fazia ideia de qual seria o efectivo inimigo. Se tinham ousado atacar e tinham conseguido dominar o fortim, deviam ser bastante numerosos. Com toda a certeza, a neblina que pairava sobre o rio e a tempestade de areia tinham dissimulado a aproximação da força inimiga. Pouco consolo encontrava por a mesma tempestade oferecer agora alguma cobertura aos seus soldados enquanto se aproximavam do acampamento fortificado. Com alguma sorte, talvez os auxiliares conseguissem devolver a surpresa ao inimigo. Baixou devagar o braço com que ostentava a espada, fazendo-a descrever um arco e mergulhar na direcção do acampamento. O

sinal foi repetido por toda a formação, mesmo por aqueles que a escuridão e a tempestade não lhe permitiam avistar.

Castor colocou a espada de forma a que a lâmina se encostasse à orla do escudo, e avançou. Toda a linha romana o seguiu, e os auxiliares progrediram em passos seguros sobre o terreno irregular nas imediações do campo fortificado. Os oficiais mantiveram o passo lento, de forma a poderem ir corrigindo as linhas enquanto os soldados avançavam. À direita, a encosta dava lugar a um espaço aberto, deixado vago pela centúria que ocupava o flanco. Castor semicerrou os olhos tentando perceber o que se desenhava à sua frente, se eram sinais do inimigo ou das fortificações do acampamento. Por fim avistou o grande vulto dos portões no meio da areia e poeira que volteava pelo ar. A silhueta da paliçada, mais elevada nos dois lados do portão, revelou-se em maior detalhe quando os auxiliares se aproximaram do campo. Para lá do cadáver encostado às tábuas do portão, não havia vestígios de qualquer outra presença. Viva ou morta.

Ouviu um som de cascos à direita, e virou-se no preciso momento em que um homem na ponta da formação soltava um grito e agarrava incrédulo na haste de uma seta que de repente lhe atravessara o peito. Vultos indistintos rasgaram o véu de poeira levantado pela tempestade, revelando-se como arqueiros montados que surgiam repentinamente da escuridão e lançavam as suas flechas contra os flancos desprotegidos dos soldados romanos, os direitos. Mais quatro homens foram atingidos e caíram pelo solo, e um outro esforçava-se para se manter de pé enquanto tentava arrancar a flecha que lhe tinha trespassado uma perna e ainda se tinha cravado na outra. Os partos fizeram as montadas mudar de direcção e desapareceram de repente, deixando atrás de si surpresa e terror nas mentes dos auxiliares.

Quase de imediato ouviu-se um grito na esquerda, sinal de nova vaga de ataque inimiga.

— Mexam-se! — Gritou Castor desesperado, ao ouvir ainda mais cavalletos a rodear a coorte. — Corram, homens!

As linhas ordenadas da formação dissolveram-se numa massa de homens que desatou a correr para a entrada do fortim, com Castor entre eles. Mas depararam-se com os portões a cerrarem-se e dezenas de rostos a surgirem de imediato sobre a paliçada. Arcos foram assestados e de novo se escutou o som das flechas a zunir pelo ar, fazendo tombar um bom número de auxiliares, que se tinham detido em frente ao fortim, sem ter para onde ir. Não houve qualquer alívio na chuva de setas que continuou a bater contra os escudos ou a penetrar na carne dos homens com sons húmidos e arrepiantes. Gritos surgiam de todos os lados e, com um aperto na boca do estômago, Castor apercebeu-se de que os seus homens seriam rapidamente aniquilados, a não ser que fizesse alguma coisa.

— A mim! — Gritou. — Juntem-se aqui!

Um punhado de soldados escutou-o, e apressou-se a reunir em torno do centurião e do estandarte da coorte. Outros homens se lhes juntaram, arrebanhados de passagem por Sétimo enquanto este se dirigia para junto do comandante. Por fim juntaram-se cerca de cinquenta homens num círculo apertado, com os escudos levantados, e Castor deu ordens para recuarem ao longo da estrada. Foram seguindo lentamente pelo caminho nas trevas, tentando ignorar os gritos dos camaradas feridos que lhes suplicavam que não os abandonassem em poder dos partos. Castor endureceu o coração. Nada podia ser feito por eles. O único abrigo possível para os sobreviventes era o forte semi-construído ao cimo da falésia. Se lá conseguissem chegar, o que restava da coorte podia tentar de alguma forma resistir. A verdade era que a coorte estava arrumada, mas ao menos podiam tentar levar consigo o maior número de partos que conseguissem.

O pequeno grupo conseguiu chegar à base da falésia antes que o inimigo lhe adivinhasse as intenções e se lançasse na perseguição. Da escuridão irromperam cavaleiros a lançar as suas setas; porém, depressa mudaram de tática ao compreender que já não havia necessidade de atacar e fugir, pelo que podiam deter os cavalos e disparar calmamente e com melhor pontaria. Enquanto seguia pela estrada, a coorte apresentava um alvo reduzido aos inimigos, e a retaguarda da pequena coluna era protegida por uma sólida muralha de escudos enquanto progredia a passo lento para a construção no planalto. Os partos seguiram-nos sem grande pressa, mantendo-se à distância e disparando os arcos sempre que adivinhavam uma brecha na parede de escudos. Quando compreenderam que era inútil tentar trespassar os escudos, começaram a apontar para as pernas desprotegidas dos auxiliares, obrigando-os a agachar-se e tornando ainda mais lento o progresso para o forte. Antes de chegarem ao ponto em que a estrada voltava a tornar-se plana e o acesso ao forte se aproximava, cinco homens foram assim feridos. Ali, a maior altura sobre o rio, o vento ainda era forte, mas ao menos estavam livres das nuvens de poeira e conseguiam ver toda a paisagem circundante.

Deixando Sétimo a comandar a retaguarda, Castor levou o resto da coluna através das fundações dos portões. As muralhas eram demasiado baixas para conseguir conter os partos, e o único local onde os auxiliares poderiam tentar montar uma defesa efectiva era na torre de vigia, quase terminada, e que ficava no canto mais longínquo do forte, à beira da falésia.

— Por aqui! — Bradou. — Sigam-me!

Apressaram-se por entre o labirinto de pedras alinhadas que marcavam os locais onde seriam erigidos os edifícios e se desenhariam as alamedas

planeadas para o forte. Mais à frente já se via a silhueta da grande torre desenhada contra o céu repleto de estrelas. Assim que alcançaram a estrutura de madeira, Castor deixou-se ficar à entrada e fez sinal aos homens para a ocuparem. Eram pouco mais de vinte, e o centurião compreendeu que precisariam de muita sorte para sobreviverem até à alvorada. Depois de entrar, deu ordens aos homens para guarnecerem a plataforma no cimo da torre e as aberturas nas paredes no piso acima da entrada. Manteve quatro soldados junto a si para defender a porta enquanto aguardavam pela chegada de Sétimo e da retaguarda da coluna. Pouco depois avistaram um punhado de homens que corria pela abertura no que seria a frente do forte e se dirigia para a torre. Perseguiu-os uma assustadora vaga de guerreiros inimigos que lançava já gritos de vitória.

Castor levou a mão à boca e gritou.

— Estão mesmo em cima de vocês! Corram!

Os homens eram retardados pelas pesadas armaduras e estavam cansados do dia de trabalho extenuante, pelo que não conseguiam ser muito rápidos. Ao atravessar o emaranhado de pedras um deles tropeçou e caiu pelo solo com um grito de pânico, mas nem um dos seus camaradas fez sequer uma pausa para o ajudar, e depressa foi engolido pela chusma de partos que convergia para a torre de vigia. Enquanto passavam por ele golpeavam-no e cortavam-no com as lâminas recurvas que usavam. A morte do auxiliar deu ainda assim tempo suficiente aos outros para chegarem à torre e nela entrarem em completo desalinho; uma vez no interior, pousaram os escudos e tentaram recuperar o fôlego. Sétimo lambeu os lábios enquanto se obrigava a colocar-se em sentido e a fazer um relatório ao comandante, enquanto o peito lhe arfava.

— Perdi dois homens, senhor... Um ainda na estrada, e o outro agora mesmo.

— Eu vi. — Comentou Castor.

— E agora?

— Aguentamo-los enquanto pudermos.

— E depois?

Castor soltou uma gargalhada sem humor.

— Depois, morremos. Mas não antes de despacharmos uns quarenta à nossa frente, para nos fazerem a guarda de honra no caminho para Hades.

Sétimo obrigou-se a sorrir, para dar alento aos homens que observavam a conversa. Depois espreitou por cima do ombro do superior, e a expressão do seu rosto ganhou um tom sombrio.

— Senhor, aí vêm eles.

Castor virou-se e levantou o escudo.

— Temos que os deter aqui à entrada! Formem!

Sétimo colocou-se ao seu lado, e os outros quatro homens posicionaram as lanças de forma a poderem usá-las sobre as cabeças dos oficiais. A massa escura dos partos correu pelo solo irregular na ânsia de se lançar sobre os odiados romanos, mas os escudos bloqueavam a estreita porta. Castor preparou-se para o impacto, e imediatamente sentiu o escudo recuar na sua direcção quando a massa dos atacantes o alcançou. Cravou as botas cardadas na terra e empurrou, pondo todo o seu peso por trás da bossa do escudo. Ouviu um gemido de dor quando atingiu alguém. A haste de uma lança manobrada por um dos auxiliares passou-lhe sobre o ombro, e um grito de agonia depressa se fez ouvir do outro lado. Quando a lança foi recuada, pingos de um líquido quente caíram-lhe em cima da vista. Limpou-os rapidamente, mesmo a tempo de evitar um golpe de espada que lhe atingiu a orla do escudo. Ao seu lado, Sétimo lançava o escudo contra os atacantes que se acotovelavam na passagem estreita e usava a espada contra qualquer nesga de pele desprotegida que lhe passasse ao alcance.

Enquanto os dois oficiais resistissem e tivessem um apoio efectivo dos homens por trás deles, preparados para ferir com as suas lanças quem quer que avançasse demasiado, o inimigo não conseguiria penetrar na torre. Por momentos, Castor começou a sentir alguma esperança, já que era a primeira vez que algo corria bem naquele desgraçado dia.

Demasiado tarde, reparou num movimento rente ao solo, quando um dos partos, mesmo à beira da entrada da torre, se ajoelhou e varreu o ar com a espada, fazendo-a passar por baixo do escudo do centurião. O gume da lâmina apanhou-o acima do tornozelo, e cortou o cabedal da bota, a pele, a carne e os tendões até chocar contra o osso. A dor foi instantânea, como se o tivessem atingido com um ferro em brasa. Cambaleou para trás, com um grito de dor e raiva.

Sétimo deitou-lhe uma olhadela rápida, vendo-o recuar e cair a um lado da entrada.

— Avance o seguinte! Depressa!

O auxiliar mais próximo avançou para completar a primeira linha de defesa, mantendo-se agachado para proteger as pernas. Entretanto, os outros soldados usaram as lanças, golpeando sem cessar para obrigar o inimigo a recuar. De súbito, ouviu-se um grito de aviso no exterior, enquanto grandes pedregulhos desabavam por entre a escuridão. Castor apoiou-se nas estruturas de madeira para espreitar e tentar perceber o que se passava, no preciso momento em que um pesado bloco se abatia sobre os partos, esmagando um homem contra o solo. Mais blocos e pedras soltas caíram sobre os atacantes, derrubando vários antes que recuperassem da surpresa e se retirassem para uma distância segura.

— Porra, isto assim sabe bem. — Proclamou Sétimo, enquanto admira-

va a cena. — É para verem se gostam de ser atacados sem poderem ripostar. Cabrões.

À medida que o inimigo saía do seu alcance, a barragem de pedras começou a diminuir de intensidade, e os sons do combate deram lugar aos assobios e provocações dos auxiliares no cimo da torre, e aos gemidos e gritos dos feridos junto à entrada. Sétimo deu uma última espreitadela ao exterior antes de fazer sinal a um dos homens para tomar o seu lugar. Apoiou o escudo contra a parede e ajoelhou-se para examinar a ferida de Castor, esforçando a vista à escassa luz que vinha da entrada para perceber onde ficava e que aspecto tinha. Os dedos apalpam o rasgão e perceberam a presença de estilhaços de osso no meio da carne macerada. Castor inspirou ruidosamente e cerrou os dentes enquanto lutava contra o impulso de gritar de dor.

Sétimo olhou para ele.

— Lamento informá-lo que os seus dias de combates terminaram.

— Diz-me alguma coisa que eu ainda não saiba, está bem? — Resmungou Castor.

Sétimo sorriu brevemente.

— Tenho que estancar a hemorragia. Senhor, o seu lenço.

Castor despertou o lenço do pescoço, abriu-o e passou-o ao adjunto. Sétimo passou uma ponta por trás da barriga da perna do outro homem e avisou.

— Isto vai doer. Pronto?

— Despacha lá isso.

Sétimo enrolou o pano à volta da perna, cobrindo a ferida, e depois amarrou-o à volta do tornozelo. A dor excruciante que sentiu não tinha paralelo na longa carreira militar de Castor, e apesar do frio da noite o centurião suava abundantemente quando Sétimo deu por concluída a tarefa e se voltou a colocar de pé.

— Quando chegar o momento, vais ter que me ajudar a pôr-me de pé e a apoiar-me ali na escada.

Sétimo assentiu.

— Tratarei disso, senhor.

Os oficiais encararam-se, solenes, ao compreenderem o real significado daquelas palavras. Uma vez aceite o destino inevitável, Castor sentiu que lhe saía de cima dos ombros o peso da ansiedade pelo destino do seu comando. Apesar da dor que o atormentava, o coração estava agora pleno de calma resignada e de determinação para morrer lutando. Sétimo olhou para a porta, e viu que o inimigo se tinha juntado em magotes espalhados pelo forte, fora do alcance das pedras e de outros projecteis que os homens no cimo da torre tinham atirado.

— O que farão eles agora? — Tentou adivinhar. — Matar-nos à fome?

Castor abanou a cabeça. Servia há tempo mais que suficiente nas legiões do oriente para conhecer a natureza do velho inimigo de Roma.

— Não, não vão ficar à espera. Não há honra nenhuma nisso.

— Então?

Castor encolheu os ombros.

— Depressa o descobriremos.

O silêncio impôs-se, até que Sétimo virou costas à entrada.

— Bom, afinal o que representa isto? Um ataque ocasional? O primeiro passo numa nova campanha contra Roma?

— E isso interessa?

— Gostava de saber a razão da minha morte.

Castor mordeu os lábios e pesou a situação.

— Pode ser um simples ataque casual. Podem ter visto a construção deste forte como um gesto provocatório. Mas também pode ser que estejam a abrir caminho para o exército parto atravessar o Eufrates. Pode muito bem ser o primeiro passo, sim, para assumirem o controlo de Palmira.

Os pensamentos de Castor foram interrompidos por um grito vindo do exterior.

— Romanos! Oiçam-me! — Clamou uma voz em grego. — A Pártia exige-vos que deponham as armas e se rendam!

— O caralho! — Ripostou Sétimo.

O homem lá fora não respondeu à provocação, e prosseguiu em tom sereno.

— O meu comandante pede a vossa rendição. Se depuserem as armas, serão poupados. Têm a sua palavra.

— Poupados? — Repetiu Castor em surdina, antes de gritar uma resposta. — Poupar-nos-ão as vidas e permitirão que nos retiremos para Palmira?

Houve uma curta pausa, e a voz prosseguiu.

— Serão poupados, sim, mas serão nossos prisioneiros.

— Escravos, isso sim. — Rosnou Sétimo, cuspidando no chão. — Não, nunca serei um maldito escravo. — Virou-se para Castor. — Senhor? O que vamos fazer?

— Diz-lhe que pode ir andando para Hades.

Sétimo sorriu amargamente, os dentes a rebrilhar ao luar. Virou-se para a entrada e gritou a resposta romana.

— Se querem as nossas armas, venham cá buscá-las!

Castor sorriu.

— Pouco original, mas soou bem.

Os oficiais trocaram um sorriso, e os outros homens imitaram-nos, até que a voz se voltou a fazer ouvir pela última vez.

— Assim seja. Este local será então o vosso túmulo. Ou melhor... A vossa pira funerária!

Um brilho tímido tinha surgido a alguma distância no recinto do estaleiro, e Sétimo conseguiu distinguir a pequena chama que surgiu e que realçava a silhueta do homem que a acendera. Bem alimentada, depressa se transformou numa fogueira à qual acorreram os soldados inimigos para acender tochas improvisadas com os arbustos que por ali cresciam. Foram-se aproximando da torre e, perante o olhar inquieto de Sétimo, a primeira flecha incendiária, com os seus trapos embebidos em óleos combustíveis, foi chegada a uma tocha e pegou fogo. De imediato, o arqueiro assestou o arco e disparou na direcção da torre. A chama percorreu a escuridão e cravou-se nos andaimes de madeira, fazendo saltar fagulhas. Foi imediatamente seguida por outras que começaram a cravejar as estruturas de madeira e a contribuir para que o incêndio se espalhasse rapidamente.

— Merda! — Sétimo agarrou firmemente no punho da espada. — Querem assar-nos!

Castor sabia que não havia pinga de água na torre, pelo que abanou a cabeça.

— Não podemos fazer nada. Chama os homens que estão lá em cima.

— Sim, senhor.

Pouco depois, quando os últimos dos sobreviventes se juntaram na pequena casa da guarda na base da torre, Castor pôs-se a custo de pé e encostou-se à parede, para lhes falar.

— Rapazes, estamos no fim da linha. Ou ficamos aqui e morremos queimados, ou saímos e tentamos levar connosco alguns daqueles filhos de uma cabra. É isto. Portanto, quando eu der a ordem, quero que sigam o centurião Sétimo. Mantenham-se perto uns dos outros e ataquem-nos sem medo. Percebido?

Alguns acenaram em concordância, e outros conseguiram mesmo emitir algumas palavras de assentimento. Sétimo interveio.

— Senhor, e o que fará? Não pode acompanhar-nos.

— Pois não. Aqui ficarei, com o nosso estandarte. Não permitirei que o tomem. — Castor estendeu a mão na direcção do porta-estandarte da coorte. — Dá-mo.

O homem hesitou uns instantes, mas acabou por avançar e entregar o símbolo ao comandante.

— Senhor, cuide bem dele.

Castor assentiu, segurando a haste e usando-a como suporte para o peso que não podia pôr na perna ferida. O ar em redor estava já quente e cheio do crepitar das chamas que iam devorando as madeiras da torre, cujo

interior se via agora banhado numa luz alaranjada. Dirigiu-se a custo para a escada ao canto da estrutura.

— Quando chegar lá acima, darei a ordem de ataque. Rapazes, espero que façam valer cada golpe de espada e cada investida de lança.

— Fá-lo-emos, senhor. — Retorquiu Sétimo com toda a solenidade.

Castor aceitou a promessa, e apertou rapidamente o braço do outro centurião; então, cerrando os dentes, começou a subir as escadas com enorme esforço enquanto o ar continuava a aquecer e se viam já rolos de fumo à luz alaranjada que se esgueirava pelas janelas e seteiras. Quando chegou ao cimo, o lado da torre virado para o inimigo já ardia de alto a baixo. Conseguia ver dezenas de partos à espera e a apreciar tranquilamente o trabalho das chamas. Respirou fundo.

— Centurião Sétimo! Agora! Ao ataque!

Ouviu-se um coro de gritos de guerra na base da torre e Castor viu os partos erguerem os arcos, concentrando o seu poder de fogo, e imediatamente encherem o espaço vazio de traços escuros a voar. Espreitando sobre o parapeito, viu como a pequena formação de auxiliares se lançava num assalto heróico mas condenado ao malogro. Os ombros dos homens estavam encolhidos por trás dos escudos enquanto corriam na direcção do inimigo, atrás de Sétimo, que berrava insultos aos partos. Os arqueiros aguardaram-nos a pé firme, disparando os seus arcos tão depressa quanto lhes era possível contra o alvo em movimento. Os que ainda tinham flechas incendiárias usaram-nas, e viram-se verdadeiros arcos de fogo a dirigir-se contra os auxiliares. Muitas embateram nos escudos e lá se cravaram, não impedindo o progresso dos seus possuidores. Foi então que Castor viu Sétimo deter-se de súbito, ficar muito quieto, deixar cair a espada e agarrar com a mão a haste de uma flecha que lhe trespassara o pescoço, ainda os ecos dos seus gritos soavam no forte que nunca seria concluído. Tombou então de joelhos, e caiu de borco sobre o solo, gemendo enquanto sangrava até à morte.

Os auxiliares reuniram-se em torno do seu corpo e ergueram os escudos. Castor observou, frustrado e impotente. Todo o ímpeto da carga tinha morrido com Sétimo, e agora os partos não enfrentavam qualquer problema, enquanto os iam abatendo um a um, procurando brechas na barreira de escudos e alcançando com os seus projecteis assassinos a carne dos que perdiam a protecção. Não esperou para ver o inevitável fim. Apoiou-se na haste do estandarte e atravessou a plataforma até ao lado que dava para o rio, debruçado sobre a falésia. Lá em baixo a neblina tinha desaparecido, e o luar fazia reluzir a corrente de água sobre os rochedos. Levantou os olhos para o céu, contemplou ainda uma vez a serena profundidade do firmamento e encheu os pulmões do ar fresco da noite.

No outro lado da torre, um pedaço de madeira em chamas desprende-se e caiu, lembrando-lhe a situação em que se encontrava; não havia tempo a perder se queria evitar que o estandarte caísse nas mãos do inimigo. Via as hostes partas através da cortina tremeluzente das chamas e do fumo que engrossava a cada instante, e num repente percebeu que aquilo era apenas o início. Em pouco tempo uma maré de fogo e destruição engoliria o deserto e ameaçaria as províncias romanas do oriente do Império. Castor agarrou a haste do estandarte com ambas as mãos e avançou aos pulos até ao rebordo da plataforma. Respirou fundo uma última vez, cerrou os dentes e lançou-se no vazio.

Isto é que é vida. — Macro sorriu enquanto se recostava contra a parede da Ânfora Repleta, o seu habitual bebedouro, e esticava as pernas preguiçosamente. — Finalmente, um posto na Síria. Cato, sabes que mais?

— O que foi? — O companheiro agitou-se e entreabriu os olhos.

— Isto é mesmo tão bom como eu alguma vez sonhei. — Cerrou os olhos e deixou que o calor do sol se espalhasse pelo seu rosto curtido. — Bom vinho, mulheres a preços decentes e com a experiência adequada, e este maravilhoso tempo quente e seco. E até têm uma biblioteca aceitável.

— Nunca pensei em ouvi-lo manifestar algum interesse em livros. — Comentou Cato. Nos meses recentes, Macro tinha saciado quase todos os seus desejos mundanos, e acabara por se dedicar à leitura. Era verdade que a sua preferência ia para textos eróticos e comédias de baixo nível, mas pelo menos lia alguma coisa, e talvez isso acabasse por o levar a material mais estimulante em termos intelectuais; era essa pelo menos a esperança do jovem.

Macro sorriu.

— Sim, por agora estamos aqui muito bem. Clima quente, mulheres quentes. Digo-te, depois daquela campanha na Britânia, nunca mais quero ver um cabrão de um celta na vida.

— Aí dou-lhe toda a razão. — Murmurou o centurião Cato, apoiando com ênfase a ideia do amigo enquanto recordava o frio, a humidade e os pântanos cobertos de nevoeiro nos quais ele, Macro e os homens da Segunda Legião tinham combatido para acrescentar a ilha às possessões imperiais. — Ainda assim, no Verão não era muito mau.

— Verão? — Macro franziu o sobrolho. — Ah, estás a referir-te àquela meia-dúzia de dias que tínhamos entre o Inverno e o Outono.

— Deixe estar. Uns mesitos de campanha a sério no deserto e há-de recordar esses húmidos dias da Britânia como se fossem o Elísio.

— Pode ser que sim. — Considerou Macro, enquanto rememorava a colocação anterior, na fronteira da Judeia, no meio de lado nenhum. Abanou a cabeça, como se quisesse sacudir a lembrança. — Mas por agora tenho uma coorte para comandar, o salário de um prefeito e a perspectiva

de um período de descanso decente antes de voltar a pôr o pescoço em risco pelo Imperador, pelo Senado e pelo Povo de Roma. — Entou o lema oficial com desdém. — Ou seja, por aquele miserável e retorcido sacana do Narciso.

— Narciso... — Ao repetir o nome do secretário particular do Imperador Cláudio, Cato sentou-se e virou-se para o amigo. Baixou o tom de voz. — Ainda não tivemos resposta. Ele já deve ter lido o nosso relatório, com certeza.

— Sim. — Macro encolheu os ombros. — E então?

— Então, o que acha que vai ele fazer quanto ao governador?

— O Cássio Longino? Oh, esse safase. Cobriu perfeitamente todos os rastros que a ele conduziam. Não há qualquer prova sólida que o relacione com traições, e podes ter a certeza que, agora que sabe que está a ser vigiado, vai fazer tudo e mais alguma coisa para se mostrar o mais leal dos servidores do Imperador.

Cato olhou de relance para os clientes sentados na mesa mais próxima, e inclinou-se para Macro.

— Dado que somos nós os tipos que o Narciso enviou para manter o governador debaixo de olho, tenho bastantes dúvidas de que ele derramasse uma lágrima se por acaso nós falecêssemos. Temos que ter muito cuidado.

— Ele não se atreveria a mandar matar-nos. — Macro fungou. — Isso seria demasiado suspeito. Descontrai-te, Cato, está tudo fino. — Esticou os braços, fez estalar os ombros e pôs as mãos por trás da nuca enquanto soltava um bocejo satisfeito.

Cato contemplou-o por momentos, desejando que o amigo levasse um pouco mais a sério a ameaça representada por Cássio Longino. Poucos meses antes, o governador da Síria tinha feito um pedido expresso para que lhe fossem atribuídas mais três legiões, de forma a combater a crescente ameaça de uma revolta generalizada na Judeia. Se tivesse uma força dessas dimensões sob o seu comando, Longino ter-se-ia convertido numa séria ameaça ao Imperador. Cato estava plenamente convencido de que o homem se tinha estado a preparar para lançar uma tentativa de chegar ao trono imperial. Graças aos esforços de Macro e Cato, a revolta tinha sido esmagada antes de se espalhar por toda a província, e Longino tinha-se visto privado das razões para obter as novas legiões. Nenhum homem com o poder e as ambições do governador esqueceria ou perdoaria quem quer que as tivesse minado, pelo que Cato vivera os últimos meses numa espera ansiosa por uma vingança que sabia que havia de surgir. Só que agora o governador enfrentava uma real ameaça concretizada no crescente poder da Pártia, e para confrontar tão perigoso inimigo só dispunha das Terceira, Sexta e Décima Legiões, com as suas coortes complementares de tropas au-

xiliares. Se a guerra se declarasse nas províncias orientais, todos os homens disponíveis seriam necessários para enfrentar os partos. Cato suspirou. Era verdadeiramente irónico que esta nova ameaça fosse bem-vinda. Pelo menos afastaria por algum tempo as ideias de vingança do pensamento do governador. Cato acabou a sua bebida e recostou-se contra a parede, deixando o olhar espriar-se pela cidade.

O Sol estava já próximo do horizonte, e os telhados e cúpulas de Antióquia refulgiam sob os raios rasantes do entardecer. O centro da cidade, como acontecia com a maior parte das que tinham caído no domínio de Roma, e antes disso no dos herdeiros gregos das conquistas de Alexandre Magno, reunia os edifícios públicos que se podiam encontrar por todo o Império. Para lá das altivas colunas dos templos, e dos pórticos, a cidade era constituída por bairros de belas casas senhoriais e outros, menos atractivos, onde só se viam edifícios sujos e remendados, habitados por gente sem posses. Nas ruas dessas áreas o ar tinha a pungência da humanidade a viver num espaço demasiado pequeno. Era aí que a maior parte dos soldados de folga passava o seu tempo. Mas Cato e Macro preferiam o quase conforto da Ânfora Repleta, cuja posição relativamente elevada lhes permitia gozar a mais pequena brisa que soprasse sobre a cidade.

Tinham passado quase toda a tarde a beber, e Cato sentia-se a deslizar para o abraço acolhedor do sono despreocupado. Desde há cerca de um mês que treinavam incessantemente a coorte auxiliar que lhes fora entregue, a Segunda Ilírica, colocada no imenso campo militar situado junto às muralhas de Antióquia. Era o primeiro comando de Macro na patente de prefeito, e ele estava determinado a fazer com que os seus homens se apresentassem, marchassem e combatessem melhor do que qualquer outra coorte do exército do oriente do Império. A tarefa fora dificultada pelo facto de cerca de um terço dos homens serem recrutas, substitutos para as baixas sofridas pela coorte no Forte Bushir. O exército tinha sido colocado de prevenção, e por isso todos os comandantes de coortes vasculhavam a região em busca de homens que lhes permitissem completar os efectivos.

Enquanto Cato se tinha encarregado do treino básico e das encomendas de material e abastecimentos, Macro tinha percorrido a costa incessantemente, de Selêucia Piéria a Cesareia, sempre em busca de recrutas. Tinha levado consigo dez dos mais duros soldados da coorte, e o seu estandarte. Chegado a cada povoação ou porto, instalava uma banca junto ao fórum e fazia um discurso de recrutamento dirigido a todos os homens ociosos ou sedentos de aventura que era possível encontrar em qualquer praça por todo o Império. Na voz grossa que usava na parada prometia-lhes um prémio de alistamento, um salário decente, refeições regulares, uma vida de aventura e, se sobrevivessem, a cidadania romana quando fossem desmobi-

lizados depois de cumprida a pequena formalidade que consistia em vinte e cinco anos de serviço. Além disso, com alguns dias de treino ganhariam a aparência dura e viril dos soldados que o ladeavam. Quando terminava, havia sempre um grupo de esperançosos a aproximar-se da banca, e Macro podia escolher os de aparência mais sã, recusando os fracos, os idiotas e os mais idosos. Nas primeiras povoações teve de facto direito a essa escolha, mas ao longo das viagens descobriu que outros oficiais lhe seguiam o exemplo e já tinham passado pelas povoações em que se encontrava, levando os melhores homens. Ainda assim, quando regressou para junto da coorte, trazia gente suficiente para completar o efectivo da coorte e dispunha do tempo necessário para os treinar antes que começasse alguma campanha militar.

Macro tinha passado os longos meses de Inverno a treinar os novos recrutas, enquanto Cato conduzia os veteranos da coorte em longas marchas e na prática das armas. Enquanto a Segunda Ilírica treinava com afinco, havia uma corrente incessante de outras unidades a chegar a Antióquia, engrossando o acampamento que crescia junto ao forte ocupado pela Décima Legião. Com todos estes soldados veio o habitual séquito de gente que vivia a explorá-los, e as avenidas e mercados de Antióquia encheram-se com os gritos dos vendedores de rua. Todas as estalagens estavam repletas de soldados, e havia sempre filas de homens à espera junto aos bordéis de cores vivas que fediam a incenso barato e a suor.

Enquanto o Sol se punha sobre a cidade, o olhar de Cato abrangia tudo isto sem tentar julgar ninguém. Embora pouco tivesse passado dos vinte anos de idade, já estava na legião há quatro anos e meio, e tinha-se acostumado aos costumes dos soldados e aos efeitos da sua presença nas cidades onde se reunia um exército. Apesar de um começo pouco promissor, tinha acabado por se revelar um excelente soldado, como ele próprio admitia. Inteligência rápida e coragem tinham jogado o seu papel na sua transformação de produto mimado do palácio imperial em comandante de homens. A sorte também tinha tido o seu papel, claro. Tinha tido a boa fortuna de ser colocado na centúria de Macro quando se juntara à Segunda Legião, reflectiu. Se o centurião Macro não tivesse reconhecido algum potencial naquele miúdo magricela e nervoso, recém-chegado de Roma, e não lhe tivesse dado alguma protecção, não tinha dúvidas de que pouco tempo teria sobrevivido na fronteira da Germânia, ou na campanha seguinte, na Britânia. Depois disso, tinham ambos deixado a Segunda Legião e passado um curto período na marinha, antes de serem enviados para o oriente, para a posição que ocupavam agora. Na campanha que se avizinhava combateriam integrados num exército, e Cato sentia algum alívio por ver retiradas dos seus ombros as responsabilidades de um comando independente; ao

mesmo tempo, acumulavam-se as preocupações perante a muito concreta perspectiva de uma nova guerra a travar em breve.

Muito melhores soldados do que ele tinham sido abatidos por uma flecha, um golpe de espada ou um impacto de metralha que não tinham conseguido evitar. Até ali tinha sido poupado, e esperava que a sua boa estrela continuasse se a guerra contra a Pártia se viesse a tornar realidade. Tinha combatido os partos ocasionalmente no ano anterior, e já era conhecedor da sua perícia com o arco, e da velocidade com que montavam um ataque e voltavam a desaparecer antes que os romanos conseguissem responder eficazmente. Era um estilo de combate que constituiria um duro teste aos homens das legiões, e ainda mais aos auxiliares da Segunda coorte Ilírica.

Mas talvez isso não fosse justo, considerou. De facto, os homens da sua coorte até talvez tivessem maiores possibilidades de sobreviver a um combate com os partos do que os legionários. Tinham um equipamento mais leve, e um quarto do efectivo da coorte era constituído por cavalaria, pelo que os partos teriam que tomar maiores cautelas ao atacar a coorte do que quando fustigassem a lenta infantaria pesada das legiões. Cássio Longino teria que avançar contra os partos com toda a precaução, isto se quisesse evitar a mesma sorte de Marco Crasso e das suas seis legiões, quase cem anos atrás. Crasso tinha avançado pelo deserto e, depois de alguns dias a ser flagelado pelo inimigo sob o implacável calor do sol, todo o exército e o seu general tinham sido chacinados.

O sol desapareceu finalmente por trás do horizonte e ouviu-se o distante som das trombetas no campo militar, anunciando o começo do primeiro turno de sentinelas. Macro remexeu-se e desencostou-se da parede.

— Será melhor voltarmos para o acampamento. Amanhã vou levar a rapaziada nova até ao deserto. Será a primeira vez para eles. Vai ser engraçado ver como é que se portam.

— É melhor não os rebentar logo à primeira. — Sugeriu Cato. — Não nos podemos dar ao luxo de sofrer baixas antes mesmo do começo da campanha.

— Não os rebentar? — Irritou-se Macro. — Foda-se, então não. Se não forem capazes de se aguentar agora, então quando a guerra começar a sério nem vale a pena pensar neles.

Cato encolheu os ombros.

— Na minha opinião, precisamos de todos os homens que pudermos ter.

— Dos homens, sim. Dos pesos-mortos, não.

Cato manteve-se calado por momentos.

— Macro, isto não é a Segunda Legião. Não podemos esperar demasiado do pessoal de uma coorte auxiliar.

— Achas mesmo? — A expressão de Macro endureceu. — A Segunda Ilírica não é uma coorte qualquer. É a minha coorte. E se eu quiser que os seus homens marchem, lutem e morram como se fossem legionários, porra, hão-de fazê-lo. Entendido?

Cato assentiu.

— E tu farás a tua parte para garantir que isso aconteça.

As costas do jovem endireitaram-se.

— Evidentemente, senhor. Alguma vez o desiludi?

Encararam-se durante um curto momento de tensão, até que Macro soltou uma súbita gargalhada e deu uma potente pancada no ombro do amigo.

— Ainda não! Caraças, miúdo, tens uns tomates de ferro sólido. Quem me dera que o resto dos homens estivesse à tua altura.

— Também a mim. — Retorquiu Cato, em tom neutro.

Macro levantou-se, esfregando as nádegas que, depois de algumas horas assentes na rija madeira do banco da estalagem, estavam dormentes. Pegou na sua vareta de centurião.

— Vamos andando.

Começaram a atravessar o fórum que já se enchia com os pregões de bordéis e vendedores de bugigangas, e com os primeiros dos soldados que tinham entrado de folga naquela noite. Os recrutas, reconhecíveis pelas faces imberbes, juntavam-se em magotes e dirigiam-se aos bares mais próximos, onde seriam muito provavelmente esfolados por aldrabões experientes e vendilhões que depressa os reconheceriam e usariam todo um repertório de truques e negociatas para lhes sacar umas moedas. Cato ainda sentiu um aceno de pena pelos recrutas, mas reconheceu que só a experiência lhes ensinaria aquilo que precisavam de saber. Um crânio dorido e umas algibeiras vazias seriam a melhor forma de garantir que para a próxima não se deixariam ir em cantigas... se sobrevivessem para as escutar, claro.

Como era habitual, havia uma clara divisão entre os homens das legiões e os das coortes auxiliares. Os legionários recebiam muito melhor e geralmente olhavam os soldados do Império que não possuíam a cidadania romana com algum desdém profissional — um menosprezo que Cato compreendia, e que Macro aprovava sem reservas. Estes sentimentos eram evidentes mesmo para além do campo militar, e nas ruas de Antióquia os homens das coortes mantinham-se por norma a uma distância respeitosa dos legionários. Aparentemente, porém, nem todos seguiam esse princípio. Quando Cato e Macro viraram para uma das ruas que saíam do fórum ouviram uma exaltada troca de argumentos a curta distância à sua frente. Sob o brilho de uma grande lamparina de cobre que se projectava da parede à entrada de um bar tinha-se reunido uma pequena multidão, em torno

de dois homens que tinham saído para a rua e agora rolavam pela sarjeta trocando murros e pontapés.

— Há aqui chatice. — Resmungou Macro.

— Só por esta vez, que tal darmos a volta?

Macro observou a cena enquanto se aproximavam, e encolheu os ombros.

— Não vejo razão para nos envolvermos. Eles que resolvam a coisa entre eles.

Nesse preciso momento algo faiscou na mão de um dos homens envolvidos na rixa, e alguém gritou.

— Ele tem uma faca!

— Merda. — Lamentou Macro. — Agora temos mesmo que nos meter ao barulho. Anda!

Estugou o passo e afastou à bruta alguns dos homens que tinham saído do bar para ver o que se passava.

— Ei! — Protestou um tipo maciço, de túnica vermelha. — Vê lá por onde andas!

— Cautela com a língua! — Macro ergueu a vareta de forma bem visível para o interlocutor e para todos os que os rodeavam, e abriu caminho por entre a turba até junto dos homens que lutavam. — Vocês os dois, parem imediatamente. É uma ordem!

Depois de uma troca final de golpes ouviu-se um grunhido explosivo, e os homens separaram-se. Um deles, um tipo magro e de aspecto nervoso, que envergava uma túnica de legionário, movia-se com a agilidade de um gato e assumiu imediatamente uma posição semi-agachada, preparado para prosseguir a contenda. Macro impôs a sua presença, brandindo a vareta.

— Já disse que acabou.

Foi então que Cato reparou na diminuta lâmina que o homem empunhava. Já não brilhava, porque um líquido escuro a cobria e escorria da ponta. No chão, o adversário tentava soerguer-se sobre um cotovelo enquanto com a outra mão apertava o flanco. Arquejou e a face contorceu-se em agonia.

— Foda-se... Caralho, isto dói... Filho da puta, acertaste-me.

Encarou o outro com ódio antes de gemer de dor e se estatelar no solo sob a tímida luz da lamparina na parede.

— Eu conheço este. — Disse Cato, baixinho. — É um dos nossos. Caio Menato, é de um dos esquadrões de cavalaria. — Ajoelhou-se junto ao homem e examinou a ferida. A túnica do auxiliar estava já ensopada com o sangue que jorrava do corte; Cato olhou em volta.

— Afastem-se! — Ordenou aos homens mais próximos. — Dêem-me espaço!

Tinha deixado a vareta no quarto, e o seu ar juvenil fez com que alguns dos veteranos presentes hesitassem em obedecer à ordem. Mas os homens da Segunda Ilírica, camaradas de Menato, depressa reconheceram o seu oficial e afastaram-se de imediato. Ao fim de alguns instantes os outros seguiram-lhes o exemplo, e Cato virou-se de novo para o ferido. O rasgão na túnica era diminuto, mas o sangue não estancava, e o centurião rasgou o tecido para observar melhor o torso do soldado. Os lábios da ferida faziam lembrar uma boca a fazer beicinho, e à fraca luz da rua o sangue refulgia oleoso enquanto saía às golfadas. Cato colocou uma mão sobre a ferida e fez pressão enquanto dava ordens aos soldados mais próximos.

— Arranjem uma tábua, uma coisa qualquer para o transportar, depressa! Tu, corre até ao campo, desencanta um médico e leva-o para o hospital. Ele que esteja pronto para quando nós chegarmos com o ferido. Diz-lhe que o Menato foi apunhalado.

— Sim, senhor! — O auxiliar fez a saudação e virou-se, deitando a correr pelas ruas na direcção dos portões da cidade.

Enquanto Cato voltava a dedicar atenção a Menato, Macro avançou lentamente para o legionário com a faca. O homem tinha recuado para o lado oposto da rua e ainda se mantinha numa posição agachada, com os olhos arregalados, a apreciar a aproximação do centurião com toda a atenção.

Macro sorriu e esticou a mão.

— Já chega de confusão por hoje, rapaz. Dá-me essa faca, antes que provoques mais estragos.

O legionário abanou a cabeça devagar.

— Sacana de merda, teve o que merecia.

— Tens toda a razão, com certeza. Havemos de tirar a coisa a limpo. Mas agora, passa para cá a faca.

— Não. Depois prendem-me. — A voz do homem tinha uma indistincta entoação alcoólica.

— Prendem-te? — Desdenhou Macro. — Esse é o menor dos teus problemas. Larga a faca antes que a coisa se torne mesmo séria para a tua banda.

— Não está a perceber. — O legionário agitou a faca na direcção do homem estendido no solo. — Aquele cabrão fez batota. Aos dados.

— Uma porra é que fez! — Gritou uma voz. — Ganhou-te sem espinhas.

Ouviu-se um coro de assentimento irado, logo seguido por furiosas vozes discordantes.

— SILÊNCIO! — Urrou Macro.

Os homens remeteram-se de imediato ao silêncio. Macro passou o olhar demoradamente sobre todos eles, antes de dar novamente atenção ao que empunhava a arma.

— Legionário, qual é o teu nome, posto e unidade?

— Marco Metelo Crispo, optio, quarta centúria, segunda coorte, Décima Legião, senhor! — Respondeu o homem de forma automática. Deu mesmo a sensação de tentar colocar-se em sentido, mas imediatamente o álcool no sangue o fez descair.

— Optio, dá-me essa faca. Isto é uma ordem.

Crispo abanou a cabeça.

— Não vou para a prisão por causa dessa escumalha batoteira.

Macro cerrou os lábios, como se considerasse o assunto, e aquiesceu.

— Muito bem, seja; mas teremos que tratar deste assunto assim que amanhecer. Vou ter que falar com o teu centurião.

Começou a virar-se para se afastar, e Crispo relaxou, baixando a guarda pela primeira vez. De repente algo voou pelo ar, a uma velocidade tal que mal se viu. A vareta de Macro descreveu um arco veloz enquanto o centurião rodopiava sobre os calcanhares. Ouviu-se o ruído do impacto, alto e agudo, quando a rija vareta atingiu o crânio do homem, e ele tombou. A faca resvalou pelo solo e parou a alguns metros de distância. Macro avançou sobre Crispo, o braço pronto a desferir novo golpe, mas não era necessário; o homem estava desacordado. Macro sorriu satisfeito e baixou a vareta.

— Vocês os quatro. — Designou alguns homens da Segunda Ilírica. — Peguem neste monte de merda e levem-no para a nossa casa da guarda. Ele que espere lá enquanto resolvo esta situação com o comandante dele.

— Alto. — Um homem destacou-se da multidão e confrontou o centurião. Era mais alto uma cabeça e tão largo de ombros como Macro, e à luz alaranjada da iluminação da rua a face tinha um ar duro e gasto. — Eu conduzirei este homem de volta às instalações da Décima. Nós trataremos de o punir adequadamente.

Macro não recuou, limitando-se a avaliar o adversário.

— Já dei as minhas ordens. Este homem está sob prisão.

— Não; eu levo-o comigo.

Macro sorriu levemente.

— E quem és tu, já agora?

— Sou o centurião da Décima Legião que te está a dizer como é que as coisas se vão passar. — Respondeu o outro com um sorriso similar. — E não um centurião merdoso de uma coorte auxiliar qualquer. Portanto, se os teus rapazolas me desamparassem a loja...

— O mundo é mesmo pequeno. — Ripostou Macro. — Acontece que também não sou de todo um centuriãozeco de uma coorte qualquer. Por acaso, sou o prefeito da Segunda Ilírica. Gosto de andar com a minha vareta para lembrar os bons velhos tempos. Tempos em que era centurião na Segunda Legião.

O outro olhou para Macro durante algum tempo, até que se empertigou e fez a saudação regulamentar.

— Assim está melhor. — Comentou Macro. — Agora, quem és tu afinal?

— Centurião Pórcio Cimber, senhor. Segunda centúria, terceira coorte.

— Ora muito bem, Cimber. Este tipo está sob custódia. Vai ter com o teu legado e explica-lhe a situação. O vosso homem será punido por ter usado uma faca contra um dos meus.

Macro foi interrompido por um longo gemido emitido por Menato; o ferido remexera-se, fugindo ao cuidado de Cato. O sangue voltou imediatamente a jorrar.

— Porra, onde é que está essa maca? — Gritou Cato, antes de pressionar de novo as mãos contra a ferida e tentar acalmar Menato. — Deixa-te estar quieto.

— Merda... Estou cheio de frio. — Sussurrou Menato, enquanto os olhos se lhe reviravam e as pálpebras se cerravam. — Oh... Merda, merda... Isto dói.

— Aguenta-te, Menato. — Insistiu Cato com firmeza. — Vamos tratar dessa ferida. Vais safar-te.

A multidão de soldados e de civis que se tinha aglomerado continuava a assistir em silêncio ao desenrolar do drama, enquanto Menato gemia e a respiração lhe era cada vez mais penosa. Começou a tremer violentamente e sofreu um espasmo, cada fibra do corpo rija como rocha num instante e flácida no seguinte, em que se esvaiu sobre o pavimento, soltando um último e longo suspiro. Cato encostou o ouvido ao peito ensanguentado do homem e afastou-se, retirando a mão da ferida.

— Foi-se.

Por momentos a turba manteve-se em silêncio. Mas logo um dos auxiliares levantou a voz.

— Aquele filho da puta matou-o. Tem que morrer.

Ergueu-se um coro de vozes iradas e contraditórias, e de forma quase automática a multidão separou-se em dois grupos antagónicos, auxiliares e legionários, que trocavam olhares assassinos.

Cato notou que os punhos se cerravam e que os homens se preparavam para o embate, mas Macro avançou, colocando-se de permeio e erguendo os braços.

— Já chega! Acabou! Nem mais um passo! — Ostentava uma expressão de fúria enquanto olhava alternadamente para os dois lados, quase desafiando os homens a atreverem-se a confrontá-lo. Depois acenou na direcção do centurião Cimber. — Leva os teus homens para o forte. Já!

— Sim, senhor! — Cimber fez a saudação militar e empurrou brusca-

mente os soldados mais próximos, na direcção dos distantes portões. — Toca a andar, seus trastes! Acabou-se o espectáculo.

Continuou a empurrar e a insultar os irados legionários, afastando-os do bar e do corpo prostrado na rua. Um dos auxiliares lançou-lhes uma provocação à laia de aviso.

— Não se vêem livres de nós com essa facilidade! Temos contas a ajustar!

— Silêncio! — Bramou Macro de imediato. — Fechem as cloacas! Centurião Cato?

— Sim, senhor? — Cato ergueu-se enquanto limpava as mãos sujas de sangue à túnica.

— Deixa o Cimber ganhar alguma distância, e depois leva os nossos homens para o campo também. Assegura-te que o prisioneiro se mantém de boa saúde.

— E quanto ao Menato?

— Leva-o também. Diz aos enfermeiros que preparem o corpo para o funeral.

Enquanto esperava que os legionários se afastassem o suficiente, Cato aproximou-se do amigo e falou em voz baixa.

— Isto não é nada bom. A última coisa de que precisávamos era de uma rixa de sangue entre os nossos e os tipos da Décima, agora que estamos quase a entrar em campanha.

— Tens toda a razão. — Confirmou Macro, resignado. — E com o nosso homem morto, o futuro do Crispo também não é brilhante.

— O que é que lhe vai acontecer?

— Por anavalhar um camarada? — Macro abanou a cabeça, pesaroso. — Nem tem espinhas. Vai ser condenado à morte. E duvido muito que o assunto desapareça com a execução.

— Oh?

— Sabes como são os soldados quando se trata de guardar ressentimentos. Já é mau quando é entre tipos da mesma unidade. Mas neste caso vai haver uma longa inimizade entre a Segunda Ilírica e a Décima, lembra-te do que te digo. — Soltou um profundo suspiro. — E agora vou ter que escrever a porra do relatório para o governador, e ir falar com ele logo pela manhã. Bom, tenho que me pôr a andar. Dá-me um momento, e depois leva os homens.

— Sim, senhor.

— Até depois, Cato.

Enquanto Macro se afastava, Cato contemplou o cadáver a seus pés. A campanha ainda nem tinha começado e já tinham perdido dois homens. E pior ainda, se o que Macro dissera se confirmasse, os danos provocados por

uma rixa de bêbados iam pesar fundo nos corações dos homens das unidades envolvidas. Precisamente quando iam precisar de toda a concentração e solidariedade entre as tropas para ter alguma possibilidade de derrotar os partos.

O corpo do auxiliar tinha sido colocado numa padiola antes do alvorecer e transportado até à pira pelos seus camaradas. Esta tinha sido edificada a curta distância dos portões do campo. A centúria a que pertencera o soldado assassinado tinha montado uma guarda de honra, mas praticamente todos os homens da coorte tinham passado por lá para lhe prestar homenagem. Macro não deixara de reparar no ar carrancudo e sedento de vingança que os soldados ostentavam, enquanto proferia uma breve oração por Menato e depois acendia a pira. Os homens contemplaram a forma como as chamas lamberam a madeira ensopada em óleos e se expandiram vigorosamente, enviando para o céu límpido uma pluma de fagulhas e fumo em remoinhos. Quando a pira começou a ruir, Macro acenou a Cato, para que este desse ordens para o regresso ao acampamento. Num silêncio pesado, os homens obedeceram prontamente, e seguiram para as suas acomodações.

— Estão longe de estar felizes, parece-me. — Comentou Cato.

— Pois. Será melhor que lhes arranjes alguma coisa para fazer. Mantém-nos ocupados, enquanto eu vou falar com o Longino.

— Como?

— Não faço ideia. — Respondeu Macro, com um traço de irritação na voz. — Tu é que és o inteligente. Inventa qualquer coisa.

Cato olhou assombrado para o amigo, mas manteve-se calado. Sabia que Macro tinha passado a noite a pensar no relatório e a fazer os preparativos para o funeral, depois de ter passado o dia anterior a beber, pelo que o seu humor negro era inevitável. Limitou-se portanto a anuir.

— Treino de combate. Com lastros. Deve chegar para os cansar.

Umhas horas com as espadas e escudos de treino, com o dobro do peso normal, deixariam até os mais fortes dos soldados exaustos; um sorriso fino surgiu na expressão de Macro.

— Trata disso.

Cato fez a saudação e virou-se para acompanhar os homens que atravessavam o portão. Macro ficou a vê-lo afastar-se, interrogando-se sobre o tempo que levaria ao jovem para dominar a técnica de treino militar que a

ele tinha levado tantos anos. Agora conseguia gritar todas as instruções, e uns tantos insultos tradicionais a acompanhá-las, num tom suficientemente elevado para ser ouvido em toda a parada, e podia fazê-lo horas a fio; mas Cato ainda não tinha os pulmões assim tão desenvolvidos e dava mais a impressão de um professor na escola do que a de ser um centurião testado e comprovado ao longo de inúmeros combates na primeira linha. Mais uns anitos, reflectiu, e o miúdo fá-lo-ia com a mesma naturalidade de todos os outros oficiais. E até lá? Suspirou. Até essa altura, Cato teria que continuar constantemente a demonstrar ser merecedor do posto que ocupava, e a que tão poucos homens da sua idade chegavam. Macro voltou-se para os portões de Antióquia. O governador tinha requisitado uma das mais belas casas da cidade para lá instalar o seu quartel-general. Nada de casebres para Cássio Longino, evidentemente. Muito menos o relativo desconforto de um complexo de espaçosas tendas de campanha. Macro sorriu com pesar. Se havia alguma certeza quanto à campanha que se avizinhava era que o comandante das tropas viajaria no tipo de luxo sobre o qual os seus homens apenas podiam sonhar, enquanto marchavam nas suas pesadas armaduras de combate e carregavam às costas todo o equipamento pessoal.

— Realmente, adoro um tipo que dá o exemplo. — Comentou para si mesmo enquanto se dirigia à reunião que tinha marcado com Longino.

O governador da Síria levantou os olhos do relatório e recostou-se na cadeira. Do outro lado da mesa sentavam-se Macro e o legado Amácio, o comandante da Décima Legião. Longino contemplou-os a ambos em silêncio durante alguns segundos, e arqueou as sobrancelhas.

— Meus senhores, não posso dizer que me sinta particularmente feliz com esta situação. Um soldado morto, outro à espera de sentença. Não me custa imaginar que isto vá provocar muita fricção entre as vossas unidades. Como se preparar o exército para a guerra não chegasse, ainda tenho que tratar deste assunto.

Macro sentiu crescer a raiva perante o tom acusatório do superior. Não tinha qualquer responsabilidade na morte de Menato. E se ele e Cato não tivessem entrado em cena e impedido a situação de se tornar realmente séria, àquela hora haveria muitas mais piras funerárias no exterior das instalações militares e a lançar fumo para o céu matinal. Era muito pouco provável que Crispo fosse o único legionário com uma faca no meio da multidão de soldados que andava pela cidade na noite anterior. Ou que nenhum dos homens de Macro estivesse equipado de igual forma. Na atmosfera que a zanga de bêbados criara, o combate entre os dois homens poderia facilmente ter-se espalhado e fugido ao controlo dos oficiais. Ao responder, Macro teve o cuidado de esconder a irritação que sentia.

— Foi uma infelicidade, senhor, mas podia ter sido bem pior. Agora, temos que garantir que os homens se acalmam e esquecem o incidente o mais depressa possível. Quer os meus, quer os da Décima, senhor.

— Ele tem razão. — Concordou o legado Amácio. — Este, hum, assunto, tem que ser resolvido com toda a celeridade, senhor. O meu homem tem que ser julgado e punido.

— Punido, sim... — Longino afagou o queixo. — E que castigo será adequado para este Crispo, pergunto-me? É evidente que tem que ser transformado num exemplo, se queremos desencorajar repetições de cenas destas.

Amácio anuiu.

— Claro, senhor. Creio que um espancamento é o mínimo que se pode aplicar. Isso e, evidentemente, a despromoção. Os meus homens lembrar-se-ão disso por muito tempo.

— Não. — Macro abanou firmemente a cabeça. — Isso não chega. Um homem morreu desnecessariamente, e tudo porque o Crispo sacou da faca. Podia ter lutado de forma limpa, mas não o fez. Agora deve sofrer todas as consequências do seu acto. Os regulamentos são claros. Senhor, vem mencionado nas normas de execução permanente que emitiu. Todos os homens de folga estão sujeitos a uma proibição estrita de porte de armas, e suponho que a razão era precisamente para evitar incidentes como o da noite passada. Não estou certo, senhor?

— Pois, era isso. — Longino abriu a mão na direcção de Macro. — Então, como achas que deve este tipo ser punido?

Macro endureceu o coração. Não extraía qualquer prazer do facto de enviar Crispo para a morte, mas sabia que as consequências de não o fazer abririam uma enorme brecha na disciplina militar. Enfrentou directamente o olhar do governador.

— Execução pelos homens da sua centúria, na presença de toda a coorte.

— Quem é o comandante da coorte, já agora?

— É o centurião Castor, por acaso. — Respondeu rapidamente Amácio. Olhou para o governador. — Na sua ausência, posso garantir que os seus homens não aceitariam a punição sugerida pelo prefeito Macro. E porque haveriam de a aceitar? Afinal, o tipo que ele matou não passava de um auxiliar. Lamento essa morte, tanto como o prefeito Macro, mas a perda dessa vida não se pode comparar com a morte de um legionário, um cidadão romano. Sobretudo porque tudo isto resultou apenas de uma cena de pancada na rua, sob o efeito do álcool. — Virou-se para Macro. — Macro, sei o que aconteceu. Procedi ao meu próprio inquérito. Ao que parece, o teu homem fez batota aos dados e tentou enganar o meu legionário.

— Não é o que dizem os meus homens, senhor.

— Como seria de esperar, não? Querem a pele do meu soldado. Diriam qualquer coisa para o conseguir.

— Tal como os seus homens diriam qualquer coisa para lhe salvar o pescoço. — Retorquiu Macro em tom gélido. — Parece-me evidente que devemos considerar as declarações dos homens um tanto ou quanto parciais. Mas eu estava lá. Vi o que sucedeu. Com todo o respeito, senhor, o mesmo não sucede consigo. Crispo é culpado. E terá que ser punido de acordo com a lei militar.

Amácio franziu o cenho antes de responder com uma cordialidade artificial.

— Prefeito, compreendo os teus sentimentos. É perfeitamente natural que partilhes o desejo de vingança dos teus homens.

— Vingança não, senhor. Justiça.

— Chama-lhe o que quiseres. Mas escuta. Se tivesse sido o teu homem a puxar da faca, gostarias de o ver poupado, não era?

— O que eu queria é irrelevante, senhor. — Respondeu Macro com firmeza. — O castigo previsto para um crime desta natureza é bem claro.

Amácio persistiu.

— Macro, escuta. Em tempos foste um legionário, não foi?

— Sim, senhor. E então?

— Então, deves ter alguma lealdade para com os teus camaradas das legiões. Não queres com certeza ver um camarada a ser executado por causa da morte de um pobre diabo das províncias, pois não?

Macro sentiu o sangue a ferver-lhe nas veias, ao escutar a descrição dos seus homens como pobres diabos das províncias. Eles eram a Segunda Ilírica. Os homens que tinham combatido um exército rebelde apoiado pela Pártia, e que assim tinham esmagado a rebelião na Judeia no ano anterior. Eram homens duros e corajosos, e tinham mostrado o seu valor onde isso realmente contava, no campo de batalha. Macro estava orgulhoso deles. O suficiente para que a lealdade que lhes devia se sobrepor ao que quer que fosse que devesse à irmandade dos legionários. Essa ideia surgiu-lhe de repente, e não deixou de o surpreender. Mas compreendeu que era verdade. Tinha-se afeiçoado ao seu comando mais do que alguma vez pensara possível. Sentia uma tremenda responsabilidade pelos seus homens e de forma alguma permitiria que um aristocrata mimado como Amácio cravasse uma cunha entre ele e a Segunda Ilírica.

Inspirou profundamente para se acalmar antes de responder.

— Nenhum legionário que eu conheça seria capaz de descer tão baixo a ponto de fazer um apelo desse género... Senhor.

Amácio sentou-se direito como se tivesse sido picado, aspirou o ar como se estivesse aflito, e olhou para Macro com irritação.

— Prefeito, isso é uma insubordinação grosseira. Se fizesses parte da minha legião, pagarias caro pela ousadia.

Longino fez sentir a sua presença ao limpar ruidosamente a garganta.

— Pois, Galo Amácio, mas ele não faz parte da tua legião, e portanto não está sob a tua jurisdição. — Sorriu. — Está porém sob o meu comando, e não tenciono permitir tais formas de discórdia entre os meus oficiais. Portanto, prefeito, vou-te pedir que retires essa última afirmação, e que peças desculpa por a teres proferido.

Macro abanou a cabeça.

— Senhor, vá para o inferno.

— Estou certo que sim, mas não por mo ordenares. Agora, pede desculpa, ou terei que encontrar outro homem para comandar a Segunda Ilírica.

— Estou certo que qualquer um dos meus oficiais apreciaria a oportunidade de meter esses auxiliares na ordem. — Apressou-se Amácio a sugerir. — Talvez um dos meus tribunos.

Macro cerrou os dentes. A situação era insuportável. Os dois aristocratas estavam a divertir-se à sua custa, mas por muito que lhe apetecesse revelar abertamente o desprezo que sentia por eles e por todos os da sua laia — políticos a brincar aos soldados — não podia permitir que o seu orgulho se sobrepusesse àquilo que melhor servisse aos homens. E um tribuno da Décima Legião, algum convencido com um apetite por glória, era a última coisa de que a coorte precisava quando se preparava para enfrentar os partos. Engoliu em seco e virou-se para Amácio com uma expressão de pedra.

— Senhor, as minhas desculpas.

Amácio sorriu.

— Assim está melhor. Um homem deve sempre saber qual é o seu lugar.

— Com efeito. — Ajuntou Longino. — Mas pronto, caso arrumado. Ainda temos que decidir o que fazer afinal com esse teu legionário.

— Sim, senhor. — Amácio voltou a colocar um ar sério. — Dadas as circunstâncias, creio que um castigo como o que sugeri será suficiente. Compreendo o que o prefeito sente, mas não podemos esquecer que se trata de um cidadão romano.

Macro decidiu tentar uma última vez chamar o governador à razão, e inclinou-se para ele ao falar.

— Senhor, não pode permitir que este homem escape à punição que merece. Há que considerar a forma como este assunto vai ser visto pelo conjunto do exército. Se não for tornado claro aos homens o que lhes poderá suceder se infringirem os regulamentos e andarem com facas quando não estiverem de serviço, continuarão a fazê-lo e, da forma como as coisas

estão, esta não será a última morte a ocorrer nas ruas de Antióquia. Senhor, acredite que não me dá qualquer prazer pedir a morte deste legionário, mas rogo-lhe que considere os danos que poderão surgir se ele escapar à condenação.

Longino franziu as sobrancelhas, levantou-se de repente e atravessou a sala, dirigindo-se à varanda que dava para o pátio interno da casa, ocupado por um jardim. Deixou a vista passar sobre o telhado das acomodações dos escravos, cujas traseiras davam para ali, e sobre as muralhas da cidade, detendo-se na paliçada que rodeava o campo militar instalado numa pequena elevação a curta distância. A um dos lados do campo, uma nuvem de poeira indicava alguma actividade: uma patrulha, talvez, ou então uma das unidades a treinar no espaço que tinha sido desbastado e aterrado para os exercícios e para as paradas ocasionais. Manteve o olhar perdido na distância mais algum tempo e por fim virou-se para os dois oficiais que ainda estavam sentados em frente à secretária.

— Muito bem, a minha decisão está tomada.

Cato percorreu lentamente a linha de postes que tinha sido erigida numa das zonas laterais da grande parada exterior. O contingente de infantaria da Segunda Ilírica estava distribuído em filas em frente a cada poste, cada homem armado com uma espada de treino, de madeira e com um peso de chumbo no punho e outro logo a seguir à guarda. Nas mãos esquerdas seguravam as pegadas dos escudos de vime entrelaçado, também mais pesados do que os equipamentos que seriam usados em combate. Se um homem fosse treinado no uso daquelas armas, quando surgisse o momento de enfrentar um inimigo sentiria muito maior facilidade no manejo das verdadeiras. Para já, no entanto, os auxiliares lançavam-se com um brado contra os postes e desencadeavam sobre eles uma chuva de golpes até Cato soprar no apito, permitindo que o homem que estivera em acção fosse substituído pelo próximo da fila e se retirasse para o fim da bicha, onde poderia descansar até que fosse de novo a sua vez.

Estavam a ter um bom desempenho, considerou Cato, e imaginou que todos eles projectavam mentalmente a imagem de Crispo nos postes que atacavam com aquela fúria. Fosse qual fosse a razão, a verdade é que tinham passado quase toda a manhã a treinar debaixo de um sol impiedoso e ninguém tinha proferido um queixume. Decidiu continuar o treino até ao meio-dia e só depois lhes permitir que regressassem às suas tendas para repousar. A tarde seria passada com o contingente montado, a praticar ataques aos mesmos postes em galope directo ou com mudanças de direcção, o que era bastante mais difícil do que o combate a pé que se treinava naquele momento. Graças ao treino incessante, Cato estava certo de que a

Segunda Ilírica se portaria bem quando fosse chamada a marchar contra a Pártia. Sorriu para si mesmo. Já não tinha dúvidas de que a guerra seria uma realidade.

A campanha que se aproximava nunca lhe saía muito tempo do pensamento, e apesar da confiança que depositava nos homens que treinava, sentia-se apreensivo quando pensava em lutar contra os partos. Conhecia perfeitamente as dificuldades tácticas que os soldados romanos enfrentavam quando confrontados com aquele inimigo. Os partos tinham desenvolvido as suas capacidades no combate montado ao longo de centenas de anos, e eram capazes de apresentar no campo de batalha um dos mais temíveis exércitos do mundo conhecido. O método que empregavam era simples e pouco variado. O primeiro ataque seria realizado por arqueiros montados, que castigariam os adversários com flechas, numa tentativa de abrir brechas na formação; quando isso sucedesse, pequenas unidades móveis de catafractários, cavaleiros couraçados e equipados com lanças pesadas, carregariam e destruiriam os oponentes. Esta táctica tinha resultado contra a maior parte dos seus inimigos e tinha mesmo levado à destruição do exército de Crasso há várias décadas. E agora, não sem apreensão, um novo exército romano preparava-se para enfrentar o poderio dos partos.

— Senhor! — Um dos optios que assistia Cato no treino chamou-o e apontou com o bordão que segurava para as colinas a leste. Cato virou-se para lá e perscrutou o horizonte, definido por encostas pedregosas semeadas de maciços de cedros. De repente, algo refulgiu numa ravina cuja saída apontava directamente para Antióquia. Piscou os olhos e levou a mão à face para servir de pala, numa tentativa de descortinar mais detalhes. Uma coluna de figuras diminutas, a cavalo, emergia da ravina. O optio deu alguns passos para se reunir a ele, e os dois homens continuaram a olhar para a distância, esquecidos dos ruídos do treino que prosseguia nas suas costas.

— Quem serão aqueles? — Murmurou o optio.

Cato abanou a cabeça.

— Para já, não há forma de sabermos. Pode ser uma caravana vinda de Cálcis, de Beroea ou até de Palmira.

— Caravana? Não me parece, senhor. Não distingo nenhum camelo.

— É verdade. — Cato observou o grupo de cavaleiros à medida que deixavam a ravina, e contabilizou já mais de cem. Quando a luz do sol fez rebrilhar armas e equipamento, sentiu o primeiro arrepio de medo na parte de trás do pescoço. Baixou a mão e deu ordens rápidas ao subalterno. — Leva os homens para dentro e alerta a cavalaria. Quero-os aqui depressa, e prontos para o combate. Manda avisar o general que foi avistada uma coluna montada a leste.

— E digo que são quem?

Cato encolheu os ombros.

— Não podemos dizer para já. Mas também é melhor não arriscarmos. Vai.

O optio saudou-o e afastou-se, berrando ordens para que os auxiliares parassem de treinar e formassem imediatamente. Os homens encaminharam-se para as suas posições e quando todos estavam prontos a pequena coluna marchou pela parada na direcção dos portões do campo, deixando Cato só, a avaliar a aproximação dos cavaleiros. Quando por fim o último saiu da ravina, fez uma rápida estimativa e concluiu que seriam mais de duzentos. À cabeça da coluna via-se um estandarte, uma fita vermelha e dourada que ondulava fracamente no ar tremeluzente. Os cavaleiros continuaram a aproximar-se calmamente de Antióquia e do campo militar que ocupava a paisagem junto às muralhas da cidade. Cato apercebeu-se de que não se tratava de uma tentativa de surpreender qualquer patrulha romana descuidada. Aqueles homens faziam gala em ser vistos.

Do interior do campo vieram os sons estridentes das trombetas, e pouco depois o primeiro esquadrão montado da Segunda Ilírica atravessou a trote os portões e formou em duas linhas na orla da parada, à espera que os homens dos outros três esquadrões formassem à sua direita. Quando o último dos soldados de cavalaria fez o cavalo alinhar-se com os outros e todo o contingente montado da coorte se preparava para um possível embate, empunhando as lanças e não tirando os olhos dos cavaleiros distantes, surgiu um pequeno grupo de oficiais do estado-maior vindo da cidade e dirigindo-se a toda a brida para junto de Cato e dos seus homens. O jovem identificou imediatamente a vistosa crista vermelha do capacete da figura que os liderava, e sentiu-se aliviado ao concluir que o governador da Síria se ia encarregar pessoalmente da situação. O grupo de oficiais deteve os cavalos numa nuvem de poeira e cascalho, e Cato reparou então que Macro e o legado da Décima Legião acompanhavam o governador e o seu pessoal. Longino designou Cato com o braço esticado e interpelou-o.

— Centurião! Apresenta o teu relatório.

— Senhor, é o que se pode ver. — Cato acenou na direcção da coluna que se aproximava. — Estão armados, mas até agora não mostraram qualquer disposição hostil, senhor.

Longino observou também os cavaleiros. A coluna tinha interrompido a marcha e formado uma linha que atravessava a estrada; surgira um destacamento em volta do estandarte, e naquele momento galopava pela planície que se estendia entre as colinas e o campo romano. Quando se aproximou do grupo de oficiais, ouviram-se toques de uma trombeta.

Longino virou-se para o legado Amácio, que se mantinha a seu lado.

— Ao que me parece, alguém quer uma trégua.

— Trégua? — O legado abanou a cabeça, espantado. — Mas quem são eles, afinal?

Cato avaliou os cavaleiros, agora a menos de um quilómetro dali. A poeira levantada pelos cascos das suas montadas formava um fundo contra o qual se tornava mais fácil distinguir os detalhes dos capacetes cónicos, das vestes largas, e dos sacos dependurados das selas onde se acomodavam arcos. Baixou a mão e virou-se para o seu comandante.

— Senhor, são partos.

— Partos? — A mão de Longino descaiu para o punho da espada. — Partos... O que raios estão eles aqui a fazer? Caramba, mesmo debaixo dos nossos narizes...

Os cavaleiros detiveram as montadas a não mais de cem passos de Cato e dos outros oficiais, e pouco depois um deles avançou a passo na direcção dos romanos.

— Senhor, ordeno aos nossos homens que avancem? — Perguntou Macro, enquanto fazia sinal aos esquadrões montados da Segunda Ilírica.

— Não. Ainda não. — Retorqui Longino, aparentemente tranquilo e de olhar fixo no cavaleiro que se aproximava.

— Partos. — Amácio coçou o queixo, nervoso. — Mas o que querem eles?

Longino agarrou o punho da espada, tenso, e murmurou uma resposta.

— Depressa o saberemos.

O parto parou a curta distância dos oficiais romanos e inclinou a cabeça. Afastou da face o lenço de seda, revelando assim a tez escura. Cato notou os traços escuros pintados em volta dos olhos, bem como o bigode e a barba cuidadosamente aparados. Esboçou um sorriso antes de falar num latim com uma ligeira pronúncia.

— O meu senhor, o príncipe Metaxas, envia-vos saudações, e deseja conversar com o governador da província da Síria. — Passou a vista pelo grupo de oficiais romanos. — Suponho que um destes garbosos soldados poderá informá-lo desta pretensão.

Longino inchou o peito, irritado.

— Sou Cássio Longino, governador da Síria e comandante dos exércitos imperiais do Oriente. O que me deseja o teu senhor?

— O príncipe Metaxas foi enviado pelo nosso rei para resolver algumas questões pendentes entre a Pártia e Roma, na esperança de que as nossas duas potências possam solucionar estas disputas sem recorrer à força. O nosso rei não tem qualquer desejo de provocar desnecessárias perdas de vida nas fileiras das vossas admiráveis legiões.

— Ah, sim? — Explodiu o legado Amácio. — Havemos de ver como se portam os vossos cavaleirinhos emproados quando se virem frente a frente com a Décima.

— Calado! — Ordenou Longino ao subordinado. Lançou-lhe um olhar furibundo, antes de se dirigir ao emissário parto. — Muito bem, estou disposto a conversar com o teu senhor. Trá-lo até nós.

O parto sorriu brevemente.

— Por grande infelicidade, chegaram aos ouvidos do meu senhor rumores de que nem todos os romanos são respeitadores das tradições inerentes a uma trégua.

A expressão de Longino toldou-se, e ele respondeu num tom gelado.

— Atreves-te por acaso a acusar-me de tal infâmia?

— Evidentemente que não, senhor. Não me refiro a nenhum dos presentes.

— Então conduz o teu senhor até aqui. Se para tanto ele tiver estômago.

— Estômago? — O parto revelou-se atónito. — Perdoe-me, senhor, mas escapam-se-me algumas subtilezas da vossa língua.

— Diz ao teu senhor que não discuto com escravos. Diz-lhe ainda que conversarei com ele aqui e agora, se ele tiver a coragem de deixar de se esconder por trás da escolta.

— Com prazer o faria, mas atrevo-me a sugerir que a sua resposta seria muito similar. — O parto fez um gesto abarcando os outros oficiais presentes e a cavalaria pertencente à coorte de Macro. — Estou porém certo de que um tão grande general terá com toda a certeza a coragem requerida para deixar para trás a protecção desta tão impressionante escolta. Ainda assim, e em deferência para com as vossas compreensíveis ansiedades, o meu senhor autorizou-me a sugerir que o vosso encontro se dê a meio caminho entre as nossas forças.

Longino lançou um rápido olhar ao espaço aberto entre o campo romano e os cavaleiros ricamente adornados que o contemplavam à distância.

— A sós, dizes tu?

— Claro, senhor.

— Senhor, não o faça. — Avisou Amácio entre dentes. — Só pode ser um truque qualquer destes bárbaros. Não faz ideia da capacidade desta laia para a traição mais vil.

Macro limpou a garganta.

— Não sei. Não me parece que o príncipe Metaxas consiga fazer muitos estragos sozinho.

Amácio virou-se para Macro.

— E o que sabes tu, prefeito? Os partos podem facilmente abater o governador muito antes de ele alcançar o local das conversações.

Macro encolheu os ombros.

— É possível que sim, senhor. Mas nesse caso arriscar-se-iam a atingir o seu próprio representante. Além disso, há a questão do orgulho. Se o governador recusar... Bom, imagino que as pessoas lá em Roma acabariam por compreender.

— Meus senhores! — O parto ergueu a mão. — Peço desde já desculpa por intervir na vossa discussão, mas se consideram que uma tal reunião representa um perigo inaceitável, posso talvez sugerir que as duas forças recuem para lá do alcance de qualquer arco, e que o meu príncipe e o governador sejam acompanhados por, digamos, três outros elementos cada? Será por certo suficiente para acalmar as vossas suspeitas e receios?

— Receios? — Foi a vez de Longino se irritar. — Parto, não tenho qualquer receio. Um romano nada teme, muito menos uns meros bárbaros do oriente.

— Muito me agrada escutar tais palavras, senhor. Nesse caso, posso en-

tão informar o meu senhor de que o encontro se realizará nas condições propostas?

Cato esforçou-se por ocultar o divertimento que sentia ao ver o governador ser tão facilmente levado a aceitar a proposta dos partos. Pelo seu lado, Longino estava furioso, e perdeu algum tempo a recuperar o controlo das emoções. Enquanto olhava em redor a espumar de raiva não deixou de reparar na expressão de Cato, e espetou o dedo.

— Centurião Cato, vens comigo, já que estás de tão bom humor. Tu, o teu amigo Macro e o legado Amácio. Os outros, juntem-se à cavalaria. Fiquem aqui. Se eu der sinal, acorram em nosso auxílio imediatamente. Vão!

Voltou-se de novo para o emissário parto e rosnou.

— Vai dizer ao teu senhor que nos encontraremos, assim que os vossos homens recuarem para uma distância aceitável.

— Muito bem, senhor. — O parto inclinou a cabeça, e de imediato fez a montada dar meia-volta e galopar para se juntar aos seus camaradas, sem dar qualquer ensejo ao governador para sugerir alterações às condições da cimeira. Enquanto o viam afastar-se, Macro virou-se para Cato e falou baixinho.

— Os meus sinceros agradecimentos por me teres envolvido em mais uma.

— Desculpe, senhor. — Cato fez um gesto na direcção do esquadrão montado. — Será melhor, então... Hum, vou arranjar um cavalo para mim.

— Pois. Faz isso. Antes que me arranjes mais algum sarilho.

Enquanto Cato se afastava atrás dos outros oficiais, Amácio, Macro e o governador viram os partos fazer meia-volta e afastarem-se conduzindo os cavalos a passo, deixando para trás o emissário, o porta-estandarte e outros dois homens. Macro soltou o ar que retivera nas bochechas.

— Alguma ideia do que terão eles em mente, senhor?

— Não. Nem um palpite. — Longino pensou em silêncio antes de continuar. — Não percebo como é que se aproximaram desta forma do forte sem serem notados. As nossas patrulhas e as guarnições dos postos da fronteira devem andar cegos. Alguém vai pagar as favas por isto. — Concluiu, severo.

Ao escutarem o som de um cavalo a aproximar-se todos olharam para trás; era Cato que se juntava a eles. Longino deitou um olhar de aviso aos companheiros.

— Olhos abertos. Ao primeiro sinal de perigo, soltem um aviso e ataquem-nos sem piedade. Mas lembrem-se que estamos oficialmente em tréguas. Só agimos se eles fizerem primeiro alguma coisa. Portanto, mãos longe das espadas, e bem à vista.

Amácio fungou.

— Esperemos que o tal príncipe dê indicações semelhantes aos seus.

— Pois. — Longino assentiu, e respirou lentamente para acalmar os nervos. — Bom, será melhor despacharmos isto. Vamos lá.

Pressionou levemente os calcanhares das botas de cabedal nos flancos do seu cavalo e começou a avançar. Os outros imitaram-no, e o pequeno grupo de romanos avançou cauteloso através do espaço aberto até junto dos partos. Enquanto seguia ligeiramente atrás e para o lado do seu comandante, Cato teve que fazer um sério esforço para resistir ao impulso de colocar a mão no punho da espada. Ao invés, usou as duas mãos para segurar as rédeas e endireitou-se na sela, tentando dar uma imagem de altivez e destemor aos partos. Por dentro, todavia, tinha as tripas cheias de nós e o coração batia desalmadamente. Enquanto tentava manter uma aparência de bravo guerreiro, desprezava-se a si mesmo pelos receios que o consumiam. Uma olhadela para o lado mostrou-lhe que Macro não desviava os olhos dos partos, com uma expressão de curiosidade e avaliação, em vez de tensão e receio. Cato agarrou-se ao pensamento reconfortante de que, se existissem planos para uma traição, o seu destemido amigo seria mais do que suficiente para qualquer guerreiro parto que alguma vez tivesse visto a luz do sol.

Os dois grupos de cavaleiros foram convergindo, o silêncio e calma da atmosfera do meio do dia apenas quebrados pelos sons das patas dos cavalos no solo irregular. Cato registou a elaborada decoração dos estojos em que os partos mantinham os arcos, bem como a excelente qualidade das roupas que vestiam. As montadas eram mais pequenas que as dos romanos, e pareciam bem tratadas, com os músculos evidentes e descrevendo os movimentos com uma fluidez graciosa. Poucos detalhes distinguiam aparentemente os partos, excepto o facto de o porta-estandarte trazer um grande cesto de vime pendurado na sela. Por consenso silencioso, os dois grupos pararam à distância de duas lanças e trocaram olhares. Então o mais alto dos partos afastou de súbito o lenço que lhe cobria o rosto e iniciou um discurso.

O emissário escutou atentamente e inclinou a cabeça antes de se virar para os romanos.

— O príncipe deseja-vos saúde e prosperidade eternas. A vós, ao vosso Imperador e a todo o povo de Roma. Deseja também cumprimentar-vos pelas belas terras que adquiriram em nome de Roma. Afirma-se muito impressionado pelas linhas de torres de vigia e postos avançados que guardam os caminhos para Antióquia. Passar por todos eles sem sermos detectados constituiu um agradável desafio.

Os lábios de Longino cerraram-se numa linha fina ao ouvir o último comentário, e a mão livre fechou-se momentaneamente num punho. De súbito, ergueu-a.

— Basta de cortesias. Suponho que não estamos aqui para discutir os detalhes da vossa excursão. Vamos ao que interessa. O que deseja realmente o príncipe?

Houve uma rápida troca de palavras entre o emissário e o príncipe, até que o primeiro voltou a falar.

— A Pártia exige que Roma renuncie a qualquer tentativa de estender a sua influência para a região do Eufrates.

— Roma tem todo o direito de proteger as suas fronteiras. — Contrapôs Longino, em tom firme.

— Ah, com certeza, mas as vossas fronteiras têm o estranho hábito de ir avançando, como ladrões que se aproximam a pouco e pouco dos lares de novas vítimas.

— O que queres dizer? Nós honramos o tratado que está em existência.

— Entre a Pártia e Roma, sim. — Admitiu o outro. — Mas o que dizer das vossas negociatas com Palmira? Usam as terras do reino como se fossem vossas, e os vossos soldados marcham até às fronteiras da Pártia.

— O rei Vabathus assinou um tratado com Roma. — Confirmou Longino, com serenidade. O príncipe fungou quando as palavras lhe foram traduzidas. Lançou-se então numa longa diatribe cujo tom mal-humorado se tornou evidente aos romanos muito antes de o emissário tentar falar pelo seu senhor. Macro lançou um olhar a Cato e revirou significativamente os olhos. O jovem não lhe respondeu. Sabia que o amigo era um soldado profissional dos pés à cabeça, mas que detestava qualquer réstia de política ou diplomacia; e parecia-lhe evidente que a presença de Macro num encontro tão tenso como aquele estava a ser constituía um risco para o lado romano. Cato arregalou os olhos e tentou avisá-lo com o olhar. Macro arqueou uma sobrancelha numa questão muda, e depois encolheu os ombros, quando o emissário traduziu as palavras do príncipe parto.

— O príncipe Metaxas avisa que é bem evidente o verdadeiro propósito do vosso tratado. Toda a gente sabe que este é apenas um passo para a anexação de Palmira.

— O rei Vabathus fez o acordo por vontade própria.

— E se o rei, ou um seu sucessor, decidisse que o tratado devia ser anulado? O que sucederia então?

Longino já tinha mordido o isco uma vez, pelo que fez uma pausa para considerar que resposta dar.

— Não se põe tal questão. Palmira e Roma são agora aliados.

O príncipe parto deu uma gargalhada repentina e espetou o dedo na direcção do governador romano, enquanto respondia.

— Aliados? — Traduziu o emissário. — Os vossos únicos aliados no

reino são Vabathus e a sua corja. As grandes casas da nobreza palmirense denunciam abertamente o tratado. Há até quem, no palácio real, veja o rei como pouco mais do que um traidor. O vosso tratado é um embuste, e depressa o rei será forçado a renunciar-lhe. Se ele não o fizer, podem estar certos de que o seu sucessor cortará todos os laços que amarram Palmira a Roma. E se Roma tentar influenciar os assuntos internos de Palmira pela força, a Pártia fará tudo o que estiver ao seu alcance para proteger o seu vizinho da agressão romana.

Foi a vez de Longino soltar uma gargalhada.

— A Pártia, a grande protectora? Essa é nova! O vosso desejo de controlar Palmira está à vista de todos. O que é que vos faz pensar que o povo de Palmira aceitará uma intervenção parta?

— Temos as nossas razões para assim acreditar. E já fizemos saber que protegeremos a sua independência. De Roma ou de qualquer outra potência.

— E pensam que eles vos crêem? Porque haveriam de ter mais confiança nas vossas intenções do que nas nossas?

— Porque nós não enviámos soldados para as suas terras para construir fortificações que, lenta mas seguramente, se transformarão nas barras da sua prisão. Sabemos que tentaram mesmo construir um forte nas margens do Eufrates, e que, se o permitirmos, daqui a pouco os campos romanos se multiplicarão ao longo das margens do rio, quais facas apontadas à garganta da Pártia.

Macro inclinou-se para Cato e não resistiu a um comentário.

— Estes filhos da puta têm a mania das frases poéticas, não achas?

— Chiu! — Respondeu Cato, tão alto quanto se atreveu. Deu-se uma pausa quando o emissário, Longino e o legado da Décima olharam para os dois amigos, antes que o emissário prosseguisse na tradução do discurso do seu príncipe.

— A Pártia não tolerará um tão óbvio gesto de agressão. O forte era um claro sinal das intenções de Roma, pelo que ficam avisados para não tentarem novas incursões do género.

— Era? — Interrompeu Longino. — O que é que lhe aconteceu?

— Foi arrasado.

— E a coorte de auxiliares que o construiu? O que lhes sucedeu?

— Foram destruídos.

— Destruídos? — Longino não escondeu a surpresa. — E quanto aos prisioneiros? Onde estão?

— Lamentavelmente, não foram tomados quaisquer prisioneiros.

— Cabrões. — Irritou-se o legado Amácio. — Porcos assassinos.

O outro encolheu os ombros.

— Não se renderam. Os nossos homens não tiveram outra opção senão abatê-los.

Longino manteve-se em silêncio por mais alguns segundos.

— Quinhentos homens, e um dos melhores oficiais do exército. O centurião Castor... — Encarou o príncipe parto com raiva. — Diz ao teu senhor que considero isto um acto de guerra.

Metaxas sorriu quando o emissário traduziu a resposta.

— Qual deles? A destruição da vossa coorte, ou a ameaça que o forte colocava à nossa soberania?

— Não tentes misturar as coisas! — Disparou Longino. — Ele sabe bem o que quero dizer. Quando isto chegar aos ouvidos do Imperador, duvido que algum poder terreno o demova de lançar uma terrível vingança sobre a Pártia. E será o destino que vocês mesmos provocaram.

— General, nós não temos qualquer desejo de provocar uma guerra.

— Uma porra! — Explodiu Amácio. — Destroem uma das nossas coortes e ainda dizem que não têm qualquer desejo de provocar uma guerra! — A mão do legado deslizou para o punho da espada, e o gesto não escapou aos olhos dos partos. Um dos membros da escolta desembainhou de imediato a sua espada, fazendo a lâmina curva faiscar ao sol. Porém, o príncipe Metaxas deu-lhe uma ordem rápida e seca, e o homem, embora relutante, voltou a guardar a arma.

— Senhor. — Disse Cato em tom calmo, dirigindo-se ao legado. — Seria talvez mais sensato retirar a mão da espada.

As narinas de Amácio incharam quando ele olhou para o centurião. Mas depois reconheceu o bom senso do conselho, piscou os olhos e largou a arma.

— Muito bem. Mas um dia acertaremos as contas pelo centurião Castor e pelos homens da sua coorte. Um dia.

O emissário não se mostrou impressionado.

— Talvez, mas não nesta vida. Não, se Roma atribui algum valor à manutenção da paz na sua fronteira oriental. O meu senhor solicita que retirem as vossas forças do território de Palmira. E que não interfiram na política interna do reino. Se alguma destas condições não for respeitada, a Pártia ver-se-á forçada a agir militarmente. Por muito que o príncipe e o seu pai, o rei Gotarzes, desejem a paz, serão obrigados a entrar em guerra com Roma. E esse conflito terá custos pesados para Roma. Muitos mais dos vossos cidadãos seguirão o destino de Crasso e das suas legiões. São estas as palavras do meu senhor. — Concluiu o emissário. — General, o nosso aviso está feito, e nada mais há a dizer.

O príncipe parto fez um último comentário e acenou ao cavaleiro que transportava o cesto de vime à sela. O homem desapertou as tiras que pren-

diam o cesto e deixou-o cair pesadamente sobre o solo junto às patas do cavalo. Então os partos fizeram os cavalos rodopiar e o emissário dirigiu umas últimas palavras aos romanos.

— O meu amo pede-vos que aceitem uma oferta. Algo que foi colhido nas margens do Eufrates. Peço-vos que o considerem como uma amostra do que vos espera se escolherem desafiar o reino da Pártia.

Os partos esporearam os cavalos e afastaram-se a galope, dirigindo-se para a distante linha de cavaleiros que já desfazia a formação para também se afastar de Antióquia e seguir pela ravina por onde tinha chegado. Por momentos, os romanos ficaram a vê-los afastarem-se no meio da poeira que as montadas levantavam. Então Longino virou o olhar para o cesto que ficara sobre o solo pedregoso. Fez um gesto na sua direcção.

— Centurião Cato.

— Senhor?

— Vê o que é que está lá dentro.

— Sim, senhor. — Cato desceu do cavalo. Aproximou-se cautelosamente do cesto, como se este estivesse cheio de cobras ou escorpiões. Engoliu em seco e adiantou os dedos, afastando as pegas. Lá dentro estava um jarro de barro, sem qualquer decoração. Era do tamanho de uma grande melancia. O fundo do jarro tinha-se partido quando o cesto embatera no solo, e o cheiro do azeite chegou ao nariz de Cato, que reparou que o líquido já se espalhava pelo solo, depois de ensopar o vime. Ao cimo do jarro rebrilhava uma massa escura e confusa, e à medida que o azeite se ia escoando começava a tornar-se mais reconhecível.

— O que é? — Instou Amácio. — Mostra-nos lá o que é isso, homem!

Cato sentiu a bília vir-lhe à boca, mas avançou e pegou na massa oleosa. Cerrando os dentes, puxou o pesado objecto para fora do jarro e ergueu-o no ar. O azeite escorreu pela pele acinzentada da cabeça cortada e pingou dos lábios mortos para o solo ressequido.

O legado Amácio fez uma careta ao observar o macabro espectáculo.

— O centurião Castor...

Senhores. — Cássio Longino percorreu lenta e solenemente com o olhar a assembleia reunida no salão de banquetes das suas acomodações. Estava de pé num pódio, e tinha dali uma vista panorâmica sobre as expressões exibidas por centuriões, tribunos e legados, que aguardavam as suas palavras. — A guerra com a Pártia começou.

Os oficiais trocaram olhares, e um burburinho excitado percorreu o salão antes de amainar, quando todos os rostos se voltaram para o governador da Síria com evidente ansiedade. As notícias sobre o grupo de cavaleiros partos que, na véspera, se tinha pavoneado perante as próprias muralhas de Antióquia tinham-se espalhado pelo campo romano e pelas ruas da cidade. Os fabricantes de boatos tinham-se atirado ao labor com entusiasmo, e circulavam já várias interpretações para o episódio, desde ser o sinal de uma aliança histórica entre Roma e Pártia até à aterrorizante perspectiva da presença de um poderoso exército parto a não mais de um dia de marcha, e com a intenção expressa de massacrar todo e qualquer habitante de Antióquia, homem, mulher ou criança. As primeiras palavras de Longino tinham eliminado algumas das mais fantasiosas especulações, e agora os oficiais da guarnição aguardavam uma maior clarificação da situação por parte do seu comandante. Este esperou que se voltasse a fazer silêncio antes de prosseguir.

— Há poucos dias, os partos surpreenderam um dos nossos postos avançados e massacraram a guarnição. Os recentes visitantes vieram presentear-nos com a cabeça do comandante desse destacamento, o centurião Castor, da Décima Legião.

Os homens que rodeavam Cato e Macro fizeram ouvir a sua revolta perante as notícias, e o veterano deu um toque ao companheiro, enquanto comentava.

— Coitados dos partos que se atreverem a enfrentar-nos. Parece-me que temos pela frente alguns combates animados.

— Animados? — Cato franziu o sobrolho. — Não estou certo de partilhar esse seu entusiasmo quanto a esta campanha. Os partos não vão com certeza deixar-se matar assim às primeiras.

— Oh, com franqueza! Já enfrentámos coisas piores.

— Tem a certeza? Diga-me lá então.

Macro cerrou os lábios e encarou o amigo por momentos.

— Bem lembrado. Os partos são uns filhos da puta bem rijos. — Acabou por admitir, antes de esfregar as mãos. — Mas vai ser interessante, isso é certo.

Foi a vez de Cato ficar a olhar para o amigo, antes de abanar a cabeça, incrédulo.

— Juro que às vezes penso que para si isto não passa tudo de um jogo.

— Jogo? — Macro mostrou-se surpreso. — Não. É muito mais do que isso. É uma vocação. É tudo aquilo para que um soldado, um dos verdadeiros, vive. Mas é evidente que tu não percebes isso. Com a tua mania das filosofias e por aí fora.

Cato suspirou. Para Macro, a vasta educação que Cato recebera antes de se juntar às legiões era muito mais um desperdício do que uma vantagem, e o veterano nunca se cansava de vincar essa opinião. Mas Cato sentia apenas que o exército era agora a sua família, e enquanto cumprisse todos os seus deveres com o máximo profissionalismo, o peso da sua bagagem cultural deveria ser irrelevante — excepto nas raras ocasiões em que todo o seu esotérico conhecimento podia ter alguma aplicação prática. Nesses momentos até Macro aceitava a ajuda, embora não deixasse de resmungar e tentasse ocultar qualquer sinal de admiração que pudesse ter para com os conhecimentos de Cato.

Entretanto, Longino erguera as mãos, tentando acalmar os comentários irados dos seus oficiais.

— Senhores! Sei como se sentem perante estas novidades. Partilho a vossa tristeza, a vossa justa ira, e prometo-vos, pelo onipotente Júpiter, que haveremos de vingar o centurião Castor e os seus homens. Irromperemos pela Pártia, a espada numa mão e o fogo castigador na outra, e puni-los-emos de tal forma que nunca mais se atreverão a perturbar a paz reinante nos nossos territórios e nos dos nossos aliados. O nosso propósito será nada menos do que a destruição do poder militar da Pártia, e não descansaremos enquanto o rei desses piolhosos não se ajoelhar perante o Imperador e lhe suplicar misericórdia!

Os oficiais bateram com os pés no chão, em sinal de aprovação ao discurso do governador, e Macro voltou a comentar.

— Assim, sim. Cá para mim, o Longino é um general à maneira!

Cato espantou-se.

— Já se esqueceu por que é que fomos enviados aqui para o oriente? — Baixou a voz. — O tipo conspirava contra o Imperador.

— Não conseguimos provar isso.

— Pois não. — Admitiu Cato. — De facto, não encontramos nenhuma prova conclusiva. Mas sabemos quais eram os seus planos. E, Macro, tivemos ocasião de perceber o tipo de homem que o Longino é. Não confio nele. E você também não devia confiar.

Macro considerou a afirmação do amigo enquanto coçava o queixo com os nós dos dedos esfolados.

— Esta pode ser a oportunidade para ele se redimir.

— Ou então para ganhar reputação, e conseguir a admiração dos seus soldados, e acumular o poder que lhe permita desafiar o Imperador. Seja como for, temos que ter muito cuidado com ele. Se avançar imprudentemente para a guerra, poderemos ver-nos metidos em grandes sarilhos. — Designou com a cabeça todos os outros oficiais no salão. — Todos nós. Do que precisamos nesta campanha contra a Pártia é de um general a sério, que perceba os soldados, e não de um político ambicioso. E além disso, não lhe vão faltar ocasiões para se tentar ver livre de nós. Lembre-se das minhas palavras. Temos que ter muito cuidado.

Macro anuiu, convencido.

— Pronto, tens razão.

No pódio, Longino pedia novamente silêncio.

— Já enviei ordens aos legados das Terceira e Sexta Legiões, para que se venham juntar a nós aqui em Antióquia. Assim que todo o exército estiver reunido, marcharemos para leste e esmagaremos os partos. Enquanto esse momento não chega, camaradas, temos que preparar os nossos homens para os combates próximos. Cada oficial vai efectuar um inventário completo do equipamento da sua unidade, fazer regressar quaisquer soldados que estejam em destacamento, e fazer todas as requisições necessárias. A minha intenção é que o exército parta para a guerra assim que estiver tudo pronto. Receberão as ordens completas para a campanha que se avizinha nos próximos dias. E termino com este pensamento... Nos anos vindouros, quando todos estivermos velhos, as pessoas olharão para nós com admiração e dirão, ali vão os homens que derrotaram o mais antigo e letal inimigo de Roma. Se triunfamos – não, quando triunfamos, como acontecerá por certo – teremos conseguido muito mais do que uma mera vitória. Os nossos feitos dar-nos-ão a imortalidade, e nenhum verdadeiro romano pode aspirar a mais. — Longino desembainhou a espada e espetou-a no ar sobre a cabeça. — A Roma, e à vitória!

Ao redor de Cato e Macro todos os oficiais ergueram os punhos no ar e repetiram o brado. Depois de uma rápida olhadela ao jovem amigo, Macro juntou-se à festa, lançando também ele um potente brado. Cato suspirou e abanou a cabeça, antes de o imitar a contragosto. Apesar de ter conseguido, com grande esforço, convencer-se dos seus méritos como soldado, estava

longe de ser aquela a primeira vez em que se sentia completamente desligado do fervor profissional dos outros oficiais. No pódio, Cássio Longino aproveitava a disposição da assembleia para se mostrar o líder que mais podiam desejar, virando-se para uma secção da audiência de cada vez e brandindo a espada no ar. Por fim, lá a guardou na bainha e ficou de pé em frente ao pódio enquanto o centurião mais antigo da Décima Legião avançava, batia com a vareta na pedra e gritava.

— Dispensados!

Os oficiais começaram a dirigir-se para as portas, debatendo animadamente as perspectivas da nova campanha. Seria para muitos deles a primeira vez que entrariam em acção depois de terem sido colocados na província da Síria. O ténue equilíbrio de poderes que existia entre Roma e Pártia desde os tempos do primeiro Imperador, Augusto, tinha-se finalmente desfeito. O longo jogo da diplomacia e dos subterfúgios que tinha sido travado entre os agentes dos dois impérios estava terminado, e agora seria o embate dos dois formidáveis exércitos a decidir o desenlace daquela crise.

— Prefeito Macro! Centurião Cato!

Cato sobressaltou-se ao ouvir o eco do chamamento do centurião-chefe ribombar nas paredes. Os dois amigos viraram-se em simultâneo para ver o outro oficial a olhar para eles.

— Não se vão já embora!

— Merda. — Comentou Macro, enquanto os oficiais mais próximos lhes lançavam olhares cheios de curiosidade. — O que foi agora?

Cato encolheu os ombros e começou a abrir caminho por entre a multidão que deixava o salão, dirigindo-se para o pódio. Apercebeu-se que Longino e o legado Amácio os observavam. Os dois amigos viram-se perante eles quando os últimos oficiais deixavam o salão. Longino acenou ao centurião-chefe.

— É tudo. Podes sair.

— Sim, senhor! — O centurião fez uma saudação imperiosa e virou-se, marchando atrás dos seus camaradas, as botas cardadas a martelar as lajes do pavimento. Ao sair, fechou as portas, e só nesse momento Longino se virou para Macro e Cato.

— Há mais um assunto a resolver antes de o meu exército partir para a guerra. Já decidi o destino do legionário Crispo.

Os três subordinados olharam atentamente para o comandante, que continuou.

— Dada a gravidade da ofensa, e a premente necessidade de preservar a disciplina perante as presentes circunstâncias, decidi que Crispo será executado.

— Não! — Amácio abanou a cabeça. — Senhor, devo protestar. Deu-me a entender que ele seria poupado.

— Nunca o afirmei. — Ripostou Longino. — Pois não?

Amácio inspirou através dos dentes cerrados.

— Não, senhor. Mas deixou-o implícito.

— Isso nada quer dizer. — Longino lançou um olhar significativo a Macro e Cato antes de prosseguir. — Crispo será executado pelos homens da sua própria centúria, perante toda a Segunda Ilírica. Amanhã, pela alvorada. Legado, vais levar as notícias ao prisioneiro, e garantir que ele seja mantido sob custódia até ao momento da execução. Já ouvi falar de alguns incidentes em que homens condenados à morte escaparam. Se o Crispo desaparecer, serão os homens destacados para o guardar que tomarão o seu lugar. Espero que lhes deixes isso bem claro. Entendido?

Amácio engoliu a sua raiva e virou-se para Macro com uma expressão de azedume.

— Imagino que estejas encantado com a novidade.

Macro encarou-o em silêncio antes de responder.

— Se é isso que imagina, senhor, temo que nunca venha a compreender verdadeiramente os soldados que comanda.

Amácio continuou a olhá-lo furibundo, antes de se virar de novo para Longino e se aprumar.

— É tudo, senhor?

— É tudo. Os camaradas do Crispo devem apresentar-se na parada exterior assim que alvorecer. Devem envergar apenas túnicas e estar armados de cajados.

— Sim, senhor.

O tom de Amácio era subserviente, e Cato entendia-o bem. A arrogância dos legionários seria esmagada pelo facto de serem obrigados a surgir em frente aos auxiliares da Segunda Ilírica sem armadura e sem armas. A ordem era deliberada. A disciplina militar exigia que os camaradas de um condenado partilhassem a sua vergonha, de forma a garantir que não lhes faltasse a vontade de o punir por os humilhar daquela forma. Da próxima vez estariam menos dispostos a permitir que outro homem cometesse uma ofensa que se reflectisse em todos eles. É uma vez que Amácio teria que comandar o grupo executor da Décima e testemunhar a execução, também sobre ele cairia alguma da vergonha; isso explicava facilmente o ódio que quase flamejava no breve olhar que lançou a Macro e Cato antes de abandonar o salão e fechar a porta com estrondo.

Por momentos nada foi dito, até que Macro inclinou a cabeça num agradecimento a Cássio Longino.

— Obrigado, senhor. Foi a decisão correcta.

— Não preciso que mo digas. — Retorqui Longino com rispidez.

— Muito bem, senhor. Mas obrigado na mesma. — Macro fez uma pausa. — Há mais algum assunto?

— Não. Limita-te a garantir que isto não volta a suceder. Já estou farto de vos ter aos dois a interferir nos meus assuntos aqui na Síria. Se não fossem os partos, já me tinha visto livre de vocês há muito tempo. Estariam a caminho de Roma para apresentarem o vosso relatório àquela serpente do Narciso. Mas dado o pé em que estão as coisas... Preciso de todos os homens para enfrentar os partos. Se me tivessem dado os reforços que pedi, a questão estaria arrumada quase antes de começar. Mas assim só tenho três legiões e umas unidades auxiliares para os enfrentar. As minhas hipóteses poderiam ser bem melhores. — Sorriu friamente. — Seja: se triunfar, maior será a glória. E se falhar, encontrarei algum consolo, por pequeno que seja, na certeza de que vocês os dois morrerão ao mesmo tempo que eu.

Cato não deixou de se espantar perante a mudança na disposição de Longino, depois do triunfalismo do seu discurso aos oficiais reunidos. Mas apercebeu-se que era para aquilo precisamente que os aristocratas romanos se treinavam anos a fio: a actuação perfeita, no tom e no modo, que lhes garantisse a conquista do público, por muitas dúvidas que albergassem no íntimo sobre a causa que defendiam. E na verdade Longino tinha sido bastante convincente, reconheceu. Aparentemente, fora ele o único a não se deixar levar pela retórica. Até Macro, profundo conhecedor das dúbias manobras políticas do governador, se tinha deixado levar em certos momentos pelas promessas de acção e glória.

— Deixem-me. — Ordenou Longino. — Vão lá tratar dos preparativos para a execução.

Fez um gesto casual na direcção da porta. Macro e Cato puseram-se em sentido, saudaram-no e viraram-se, marchando em cadência ao deixar a companhia do governador da Síria, que a sós ficou, no seu improvisado salão de audiências.

Na pálida luz antes do nascer do Sol, os homens da Segunda Ilírica foram despertados pelos gritos dos optios e centuriões, que percorriam as linhas de tendas e as abanavam, antes de urrar aos ouvidos dos sonolentos homens que as ocupavam. Vestiram rapidamente as túnicas de lã, os coletes de cota de malha e as botas, e saíram para o ar frio antes de colocarem os gorros e os capacetes e apertarem as tiras que os seguravam. Por fim, pegaram nos escudos e nas lanças e assumiram as suas posições nas centúrias que formavam em frente às tendas. Os esquadrões de cavalaria, com as suas espadas mais compridas e as longas lanças, formavam nos flancos. As montadas não eram necessárias na assembleia que ia testemunhar a execução,

pelo que ficaram nos estábulos, mastigando alegremente a cevada contida nos sacos que lhes tinham sido pendurados nas orelhas pelos seus cavaleiros assim que estes se tinham levantado.

Macro, com Cato por perto, percorreu as fileiras, inspecionando os seus homens. A execução de Crispo era um momento solene. Apesar do legionário ter sido condenado por assassínio, não deixava de ser um soldado, e ser-lhe-ia mostrado o devido respeito, mesmo na morte. O homem que tinha sido morto era um dos seus camaradas, mas ainda assim os homens da Segunda Ilírica prestariam a Crispo as honras devidas a um camarada de armas que ia fazer a viagem para o mundo das sombras. Todos os auxiliares se apresentavam bem ataviados; os capacetes tinham sido polidos na noite anterior, bem como as orlas e as bossas dos escudos, e todas as partes metálicas das bainhas das espadas. Macro olhou-os, orgulhoso. Não poderia ter arranjado um melhor grupo de homens para comandar, mesmo nas legiões, admitiu a contragosto; e em nenhuma circunstância proferiria essa opinião em público. O sangue que tinha derramado pela Segunda Legião, os camaradas que tinha perdido ao longo dos anos, tudo isso lhe deixara uma marca, um profundo amor e devoção às águias que tão bem conhecia.

Ao passar pelo último dos homens, deitou uma olhadela a Cato, que era o oficial directamente responsável pelo aspecto dos homens na parada, bem como por inúmeros detalhes da administração do acampamento da coorte.

— Belo conjunto de soldados, centurião Cato! — Começou Macro, com a sua voz habituada à parada a fazer-se ouvir até pelo mais distante dos homens. — A própria Guarda Pretoriana não teria melhor aspecto!

Era o género de retórica fácil que nunca falhava em dar alento aos homens, e Macro piscou o olho a Cato enquanto berrava o seu discurso. Os dois sabiam perfeitamente que aquelas palavras, mesmo que não tivessem qualquer conteúdo, resultavam, e fariam os homens agir com maior garbo durante todo o dia. Ou, pelo menos, até assistirem à execução, pensou Cato, sentindo-se miserável. Percebia a razão por trás da punição, mas ainda assim havia uma parte do seu ser que se revoltava perante aquela forma brutal de pôr fim à vida de um homem. Ao contrário de Macro, não achava qualquer piada aos jogos que políticos ambiciosos praticavam em qualquer povoação ou cidade do Império. Se havia que morrer, melhor seria para um homem morrer a tentar alcançar algum objectivo. Que Crispo fosse colocado na primeira linha do exército quando enfrentassem os partos. Nessas condições poderia ao menos morrer em face do inimigo, com a espada em punho, pela honra de Roma, e alcançar a redenção aos olhos dos seus camaradas.

Cato inspirou profundamente ao escutar o comentário de Macro.

— Sim, senhor! A ninguém podem ficar dúvidas de que a Segunda Ilírica é a melhor das coortes ao serviço do Imperador!

Virou-se para os homens e incitou-os.

— Quero ouvir-vos!

Os soldados soltaram um tremendo urro colectivo, e bateram com as lanças nos escudos antes de as apoiar no solo, todos ao mesmo tempo. O silêncio repentino fez Macro sorrir de prazer.

— Sim senhor, centurião Cato, tão bons como os melhores. Saberão os deuses o que eles farão aos partos, mas a mim fazem-me borrar de medo!

Cato e muitos dos homens não conseguiram evitar um sorriso. Macro ergueu a vareta de centurião para lhes atrair de novo a atenção.

— Centurião, leva-os.

— Sim, senhor. — Cato inspirou de novo. — Segunda Ilírica, direita volver!

As dez centúrias de infantaria e os quatro esquadrões de cavalaria colocaram as lanças aos ombros e obedeceram de imediato.

Macro e Cato colocaram-se à frente da coluna, junto ao estandarte e aos dois clarins, com os seus instrumentos de metal retorcido. Macro fez uma curta pausa antes de ordenar.

— Em frente!

A coorte avançou no pesado ritmo das botas cardadas, a caminho dos portões do campo e da parada exterior. A área designada para a execução ficava no extremo mais longínquo, onde se viam duas filas de postes distanciados de quase dois metros. Macro conduziu a Segunda Ilírica pela parada e deu ordem de alto.

— Cato, forma-os em três lados do corredor.

— Sim, senhor. — Cato fez a saudação militar e foi cumprir as ordens. Macro tomou o seu lugar na entrada do corredor definido pelos postes, no lado que a coorte deixara aberto. Quando o último dos homens se alinhava na posição definida de forma a deixar um dos lados da formação aberto, Macro viu uma pequena coluna de soldados em túnicas vermelhas que deixava o campo e se aproximava. Uma figura era quase arrastada no meio de dois dos homens no centro da coluna. Cada um dos legionários transportava um bastão de madeira bem grossa e rija, escolhido a dedo nos armazéns. Na retaguarda da coluna vinham o governador e o legado da Décima. Macro mandou os seus homens colocarem-se em sentido quando a coluna se aproximou, e a coorte apresentou armas assim que Longino se deteve. Amácio encarregou-se de distribuir os seus homens, cada um junto a um dos postes, enquanto Crispo era conduzido ao início do corredor. Quando todos os homens estavam em posição, caiu um silêncio tenso sobre o cenário, até que Longino ergueu a mão.

— Pelo poder que em mim foi investido pelo Imperador, pelo Senado e pelo Povo de Roma, aqui confirmo a sentença de morte a que foi condenado Tito Crispo. Prisioneiro, tens alguma coisa a dizer antes que a sentença seja executada? — Virou-se para Crispo, mas o legionário respirava pesadamente e tremia enquanto contemplava as duas filas de camaradas seus que o aguardavam ao longo do corredor. Por fim, o sentido das palavras do governador penetrou através do pavor, e ele levantou o olhar suplicante para Longino.

— Senhor, imploro-lhe! Poupe-me. Foi um acidente! Juro-o! — As pernas fraquejaram-lhe, e ele caiu pelo solo. — Deixem-me viver!

Longino ignorou a súplica e acenou a Amácio.

— Prossegue.

O legado dirigiu-se a Crispo e deu-lhe uma ordem.

— Levanta-te!

O olhar de Crispo abandonou o governador, e o homem lançou-se aos pés do legado.

— Senhor, por piedade, sou um bom soldado! Conhece a minha folha de serviços. Poupe-me! Não me podem fazer isto.

— Levanta-te! — Urrou Amácio. — Não tens vergonha? É assim que um legionário da Décima enfrenta a morte? De pé. — Puxou a bota atrás e aplicou um pontapé nas costelas do prisioneiro.

— Ahhhh! — Crispo gemeu de dor e agarrou-se ao lado do corpo. Amácio pegou-lhe no braço e obrigou-o a levantar-se com brusquidão, atirando-o para a entrada do corredor, onde os seus camaradas o aguardavam, com os bastões bem seguros nas duas mãos. Por momentos reinou o silêncio na parada, apenas perturbado pelo lamento choroso de Crispo.

— Executem a sentença!

Amácio empunhou a espada e empurrou Crispo. O legionário firmou os calcanhares, enterrando-os na areia, e recusou-se a avançar até que o legado o picou com a ponta da espada. Crispo gemeu ao ver as duas linhas paralelas formadas pelos seus camaradas e a forma como eles faziam rodar os cajados.

Cato sentira uma sensação de náusea a crescer enquanto observava os preparativos; sussurrou na direcção de Macro.

— Há alguma hipótese de ele conseguir chegar ao outro lado?

— Há sempre essa possibilidade. — Respondeu Macro, sem emoção.

— Alguma vez viu um homem sobreviver a uma coisa destas?

— Nunca.

Amácio preparou a espada para voltar a encorajar Crispo, que gritou ao aperceber-se do facto.

— Vá, homem! — Incitou Amácio, irritado. — Antes que nos cubras a todos de vergonha.

Por fim alguma réstia de coragem e desafio apossou-se de Crispo, e o legionário lançou-se para o meio dos homens que o aguardavam. Movendo-se com rapidez e mantendo a cabeça bem baixa e protegida, evitou os ataques dos dois primeiros pares de homens. Um dos elementos na terceira posição tivera tempo para preparar o bastão e acertou-lhe no ombro, embora apenas de raspão. O impacto fê-lo perder velocidade e colocar-se na posição ideal para o ataque do legionário seguinte, que o apanhou em cheio na bacia. Gritou mas prosseguiu, enfrentando o par seguinte. Um deles apanhou-o de novo junto ao ombro, e o outro aplicou-lhe um poderoso golpe nas costelas, forçando o ar dos pulmões num tremendo grito de dor. Cambaleou debaixo de uma chuva de golpes, aproximando-se do primeiro quarto do percurso. Nessa altura um legionário baixou-se e esmagou-lhe uma das canelas, e Crispo tombou com um grito. O homem mais próximo avançou e acertou-lhe em cheio, quebrando-lhe o queixo. Sangue e dentes foram projectados pela areia, enquanto Crispo se enrolava numa bola, tentando proteger a cabeça ferida com os braços. Os seus camaradas olharam para ele e procuraram indicações do legado.

— Acabem com ele! — Amácio apontou a figura no solo. — Acabem isso!

Os legionários aproximaram-se de Crispo e Cato viu os cados a subirem e descerem num frenesim de golpes. Gotas de sangue saltavam pelo ar, e as pontas dos bastões iam ficando cada vez mais vermelhas à medida que eles se encarniçavam sobre o homem no solo. Este tinha deixado de emitir sons ao fim de poucos segundos, felizmente. Amácio deixou os seus homens continuarem a sua macabra tarefa por um tempo que a Cato pareceu interminável, enquanto o resto das testemunhas permanecia impassível e em silêncio.

Por fim Amácio ordenou que parassem, e os legionários afastaram-se, exaustos e manchados de sangue. No solo, no meio de uma poça de sangue que empapava a areia, via-se uma forma que dificilmente se poderia reconhecer como humana. Todos os membros tinham sido partidos, e o crânio fora reduzido a uma polpa, de forma que ossos e cérebro se espalhavam pela areia como se fossem uma papa de aveia colorida de vermelho e cinzento. Cato forçou-se a engolir a bílis que lhe subira à boca e afastou o olhar da cena, preferindo passá-lo pela parada, de alto a baixo. Um movimento distante captou-lhe a atenção e fê-lo semicerrar os olhos, acabando por distinguir um cavaleiro que galopava em torno de um dos cantos da fortaleza e se dirigia à parada e mais especificamente ao local da execução e à zona onde se encontrava a Segunda Ilírica. Ao escutarem

o som dos cascos, todos os oficiais e homens voltaram o olhar para o cavaleiro.

— Temos chatice. — Comentou Macro, ao notar a ligadura suja que o cavaleiro trazia em redor do crânio. No último momento o homem refreou a montada, espalhando poeira e cascalho. Fez a saudação regulamentar e remexeu imediatamente por dentro da túnica.

— Quem és tu? — Exigiu saber Longino.

O homem lambeu os lábios secos antes de responder.

— Sou o tribuno Gaio Carínio, destacado da Sexta Legião, senhor. Venho de Palmira. — Encontrou por fim aquilo que procurava e extraiu uma tábua encerada do interior da túnica, entregando-a ao governador. — Um despacho do embaixador Lúcio Semprônio, de Palmira, senhor.

Longino pegou na tábua. Olhou com mais atenção para o homem.

— O que é que aconteceu por lá?

O homem engoliu com dificuldade, enquanto procurava ainda recuperar o fôlego.

— Houve uma revolta em Palmira, senhor. Simpatizantes dos partos. Tencionam depor o rei e rasgar o tratado com Roma.

Cato observou o tribuno enquanto este se instalava numa das cadeiras que tinham sido colocadas em arco no gabinete do governador. Depois avaliou os outros oficiais que tinham sido convocados por Cássio Longino. Estavam lá Amácio e os comandantes das outras coortes auxiliares que estavam no acampamento, e ainda Macro e, sobretudo, ele próprio. Interrogou-se sobre o motivo da sua inclusão.

Longino fez um gesto na direcção do tribuno, que ainda mostrava bem os efeitos da longa cavalgada que realizara. Tivera apenas tempo para se refrescar brevemente enquanto era solicitada a presença dos oficiais nos aposentos do governador.

— Carínio, por favor. Diz-lhes o que me disseste enquanto aguardávamos a sua chegada à reunião.

O indigitado acenou em concordância e limpou a garganta.

— Há cinco dias, o filho mais novo do rei Vabathus, o príncipe Artaxes, anunciou à corte em Palmira que ia suceder ao seu pai no trono. — Fez uma pausa que conjugou com um breve sorriso. — O problema é que ele é o mais jovem de três irmãos, e portanto não é ele que se encontra na linha directa para herdar o trono. Sucede porém que o filho mais velho, Amethus, não possui qualquer capacidade política, e que o filho do meio, Balthus, passa os dias a caçar, a beber e a perseguir as mulheres da corte. Artaxes ficou com toda a inteligência da família, e é claramente uma grande ameaça a Roma. Em criança foi enviado para leste, para ser educado na corte da Pártia. Ao que parece, durante essa educação, aprendeu a odiar profundamente Roma, e agora conseguiu persuadir muitos nobres de Palmira a apoiarem essa opinião.

— Estou a ver. — Assentiu Amácio. — Mas por certo que o rei não pode tolerar um tão grande desafio à sua autoridade?

Longino tamborilou com os dedos sobre a tábua encerada que lhe fora enviada pelo questor romano que desempenhava o papel de embaixador de Roma na corte de rei Vabathus.

— O rei está velho. E Artaxes é o seu favorito. A única coisa que o impede de o apoiar é a sua lealdade para com Roma. Mas não há forma de sa-

ber até onde irá essa lealdade na presente situação. Segundo o embaixador Semprônio é Thermon, o ministro, que governa realmente em nome do rei. E nesse podemos confiar. Desde que continue a receber o nosso dinheiro, de forma discreta, claro. Ainda segundo o embaixador, Artaxes exigiu que a coroa lhe fosse entregue de imediato. O ministro opôs-se-lhe, e já houve alguns confrontos entre os seguidores das duas facções. Artaxes conseguiu ganhar para o seu lado um dos generais, e já tem cerca de um milhar de homens. Thermon só pode contar com a guarda pessoal do rei e com os servidores dos nobres que se mantêm fiéis ao soberano. Além do Semprônio e das suas forças, claro. Recuaram para a cidadela, uma fortaleza dentro da cidade, com o rei e o seu filho mais velho.

— E quanto ao outro filho, o caçador? — Quis saber Cato. — O que é feito dele?

Longino virou-se para o tribuno.

— O que é que sabes dele?

— Balthus estava no norte do território, numa caçada, quando Artaxes avançou. Quando o questor me enviou com as novidades ainda não havia notícias dele, senhor.

— Uma pena. — Comentou Macro. — Dava-nos jeito tê-lo do nosso lado.

— Não estaria tão seguro disso. — Contrariou o tribuno. — Balthus não morre de amores por Roma. A nossa sorte é que ele odeia os partos, e a nós só nos detesta.

Macro inclinou a cabeça.

— Bem, há sempre aquela história acerca do inimigo do meu inimigo... Ele podia vir a ter alguma utilidade.

— Talvez, sim. — Considerou Longino. — Mas só o usaremos se tivermos absoluta necessidade disso. A última coisa de que Roma precisa é de se livrar de uma ameaça para pôr outra no seu lugar. Seja como for, tanto quanto sabemos, o rei e os seus aliados estão encurralados na cidadela em Palmira. Segundo a mensagem do Semprônio, têm mantimentos e água em quantidade e, a menos que Artaxes consiga deitar a mão a algumas máquinas de cerco, devem conseguir manter a cidadela em seu poder ainda por mais algum tempo. Podemos evidentemente assumir que os nossos amigos partos foram avisados com antecedência das intenções de Artaxes. E mesmo que não tenha sido esse o caso, as notícias não-de chegar-lhes dentro de poucos dias. Assim sendo, e na melhor das hipóteses, senhores, temos uma pequeníssima vantagem. É fundamental que apoiemos o rei Vabathus.

Amácio abanou a cabeça.

— Senhor, o exército ainda não está preparado. As outras legiões ain-

da nem deixaram as suas bases. Mesmo a Décima não está pronta para marchar. Muitos dos meus homens ainda estão em destacamentos e levarei alguns dias a concentrar todas as forças. E o mesmo se passa com a maior parte das coortes auxiliares. Algumas acabam de chegar.

— Mas há uma coorte em condições de avançar. — Retorquiu Longino.
— A Segunda Ilírica. Não é assim, prefeito?

Macro sobressaltou-se, mas depois anuiu, inclinando-se para a frente enquanto falava.

— Os meus rapazes podem estar a caminho de Palmira em menos de uma hora, senhor. Se nos apressarmos, podemos lá chegar em dez dias.

— Ótimo. Então será mesmo isso que faremos. — Decidiu Longino.
— A Segunda Ilírica partirá imediatamente para Palmira, e o resto do exército começará a preparar-se para a seguir. As outras legiões seguirão assim que estiverem prontas.

— Senhor, isso está muito bem. — Contrariou Cato. — Mas o que fará exactamente a Segunda Ilírica quando chegar a Palmira? Estará em inferioridade numérica, e muito provavelmente os rebeldes terão o controlo das muralhas da cidade. Assim sendo, que auxílio poderemos prestar aos que estão encurralados na cidadela?

— A vossa missão será a de os reforçar, centurião. Ajudar Vabathus a aguentar a situação até à chegada da força principal.

— Mas, senhor, mesmo que consigamos penetrar na cidade, teremos que abrir caminho por entre as ruas até chegar à cidadela.

— Pois, suponho que sim.

Cato olhou para o governador, sentindo-se impotente. Era evidente que o homem não fazia ideia do que estava a pedir à Segunda Ilírica.

Macro veio em seu auxílio.

— O miúdo tem razão, senhor. Não há qualquer hipótese de que uma coorte consiga cumprir uma missão dessas sozinha.

Longino sorriu.

— E é por isso mesmo que não vou enviar apenas a Segunda Ilírica. Macro, eu não sou nenhum idiota. Percebo as dificuldades da missão de que vos encarrego. E não envio ninguém em missões suicidas. Isso não seria muito bem visto em Roma. Portanto, para além da Segunda Ilírica, vou enviar também uma coorte da Décima Legião, com o respectivo esquadrão de batedores montados. Agora, e uma vez que o centurião Castor foi abatido durante a missão que desempenhava, a coorte precisa de um novo comandante. Decidi que tu és o homem indicado para essa posição. Portanto, serás tu a comandar a coluna de socorro.

— E quem comandará a Segunda Ilírica? — Indagou Macro.

Longino apontou para Cato.

— O teu adjunto. Até que esta crise tenha fim, nomeio-o prefeito interino.

— Ele? — As sobrancelhas de Amácio arquearam-se. — É demasiado jovem. Inexperiente. Seria melhor que Macro continuasse no comando dos seus auxiliares, senhor, e que um outro oficial da Legião substituísse Castor.

— Não, a minha decisão está tomada. Macro é o melhor homem disponível para o lugar. E não temos tempo a perder com debates. A coorte do Castor e a Segunda Ilírica devem partir de imediato. Senhores, estas são as minhas ordens. Macro, o meu pessoal dar-te-á instruções escritas antes de deixares o campo. Os outros terão as ordens por escrito assim que tiverem sido lavradas. Esta reunião está encerrada.

— Bom, a que conclusão chegas depois desta história toda? — Macro fez sinal com o polegar na direcção dos aposentos do governador, enquanto descia a rua lado a lado com Cato. — Enviar uma coluna avançada para salvar o couro ao rei de Palmira é uma das mais estúpidas ideias que alguma vez ouvi.

— Então porque é que não o disse enquanto podia?

Macro deitou um olhar penetrante ao amigo.

— Cato, nós não fazemos política, limitamo-nos a seguir ordens. Além disso, é capaz de resultar. Se conseguirmos arranjar maneira de furar até à cidadela.

— Se? — Cato abanou a cabeça. — Um se grande como a porra...

Macro manteve-se em silêncio por instantes, antes de explodir numa gargalhada forçada.

— Ora, Cato, tu ouviste-o. Se há alguém capaz de o fazer, sou eu. O melhor homem para o lugar. Foram estas as suas palavras exactas.

— Acha mesmo?

Macro mordeu os lábios.

— Seria magnífico, se fosse verdade. Talvez o Longino pense que é verdade.

— Talvez. — Concordou Cato, sem entusiasmo. — E talvez ele pense apenas que esta é com toda a certeza a melhor ocasião de que vai dispor para se ver livre de nós.

— Há?

— Há que admirar o plano do homem. — Prosseguiu o jovem. — Seria fácil enviar-nos para uma morte certa, bastava despachar apenas a Segunda Ilírica para Palmira. Mas ele tem razão, Narciso ia perceber essa jogada num instante. A aniquilação deliberada dos seus dois agentes na Síria não faria mais do que confirmar as suas suspeitas sobre ele. Assim, pode sempre

dizer que enviou uma força suficiente para a missão de que nos incumbiu. Quem é que em Roma duvidará de que uma coorte de legionários chega para forçar a entrada numa cidade do deserto? Se tivermos sucesso, ele colherá os louros por uma acção rápida e decidida. Se não tivermos, o ónus do falhanço recairá sobre nós. Isso se sobrevivermos, claro. A nossa destruição, por outro lado, dará peso aos seus repetidos apelos para reforços. Oh, sim, este Longino é um tipo astuto.

Macro estacou de repente e virou-se para o amigo.

— Cato, não me digas que pensaste nisso tudo agora mesmo?

Cato confirmou, com um sorriso amarelo.

— Pois, e o pior é que me parece fazer todo o sentido.

— A sério? — Macro lançou um suspiro. — Sabes, também é possível que Longino acredite simplesmente que esta ideia vai resultar. Que a nossa força vai conseguir surpreender o inimigo e que podemos ajudar o rei a aguentar a situação até à chegada do resto do exército.

— Partindo do princípio de que ele põe o exército em movimento a tempo de nos salvar.

— Porra, Cato, caraças! — Irritou-se Macro. — Porque é que para ti há-de ser tudo uma conspiração? Porque é que partes do princípio de que todo e qualquer tipo acima do posto de centurião está metido num esquema para chegar a Imperador?

As pessoas que passavam na rua olhavam para eles, e Cato sussurrou.

— Baixinho!

— Porque senão...? Alguém nos vai denunciar aos agentes do Narciso? Cato, somos nós os cabrões dos agentes. Portanto, digo o que me apetece, mais nada. Porque é que achas que todos os senadores estão envolvidos nalguma conspiração?

— E como sabe que não estão?

— Oh, vá lá! — Exasperado, Macro retomou a marcha pela rua. — Não temos tempo para isto. Vamos embora.

Caminharam em silêncio por momentos, até que Macro estalou os dedos.

— Olha, e o Vespasiano?

Cato recordou o legado da Segunda Legião, sob cujas ordens tinham combatido aquando da invasão da Britânia. A família de Vespasiano tinha sido promovida à classe senatorial havia poucos anos, e por isso ele tinha uma muito maior compreensão dos homens que comandava.

— O que tem ele?

— Um tipo às direitas, como poucos. Um soldado até à medula. Nem um pozinho de política.

Cato ponderou por momentos, e depois abanou a cabeça.

— Um aristocrata como todos os outros. São alimentados a política desde o berço. Mas concordo consigo. Parecia um tipo honesto. Ainda assim, não ficaria espantado se até Vespasiano nos viesse a pregar uma partida, no fim das contas.

Macro fungou, desdenhando das ideias do amigo enquanto prosseguiam em passo rápido e em silêncio até ao acampamento da coorte.

Assim que lá chegaram, Macro convocou todos os centuriões e explicou-lhes a situação, confirmando a nomeação temporária de Cato como prefeito.

— Vejo-te lá fora, na estrada. Nada de demasiado equipamento, quero-os leves. Armas, equipamento mínimo, rações. Os mantimentos podem seguir nas carroças.

— Sim, senhor. Compreendido. Não levarão mais do que o necessário.

— Muito bem. — Macro deu uma palmada amigável no ombro de Cato. — Para mim, é chegado o momento de regressar às Águias.

Deixou o subordinado a dar ordens aos homens para que se preparassem para levantar o acampamento, e seguiu para tomar o comando da coorte da Décima Legião que anteriormente fora do malogrado Castor. O escrivão do governador estava à sua espera à porta da tenda de comando da Legião. Tinha vindo a correr a toda a brida desde os aposentos do general na cidade, e ofegava enquanto entregava a Macro uma tábua selada.

— Senhor, a sua autoridade para assumir o comando... E as ordens do general.

Macro deu um curto aceno de cabeça e entrou na tenda. Lá dentro, um par de veteranos estava sentado à mesa, e assim que viram surgir o oficial esforçaram-se imediatamente por aparentar estarem muito atarefados. Macro apontou para o mais próximo.

— Tu! Vai chamar os meus oficiais. Quero-os todos aqui, imediatamente. Diz-lhes que a coorte tem um novo comandante. E tu, vai avisar os optios, e diz-lhes que quero os homens rapidamente preparados para uma marcha dura. — Sorriu. — E para um combate ainda mais duro.

Assim que os homens formaram, Cato passou uma inspeção aturada a cada centúria. O homem que tinha seleccionado para seu adjunto, o centurião Parmenião, era o mais velho e experiente dos oficiais da unidade de auxiliares, e acompanhou-o passo a passo com um estilete e uma tábua, pronto para tomar notas de acordo com os desejos do novo comandante. Era engraçado, reflectiu Cato. Ainda naquela manhã era ele quem ocupava aquele lugar, e conhecia bem o peso que caía sobre os ombros do veterano. Porém, esse parecia bem leve quando comparado com o que agora assentava sobre os seus próprios ombros. Mais de oitocentos homens o olhavam, e

não deixariam de o comparar directamente com Macro. Um difícil padrão, considerou, sombrio. Ainda assim, ele não era um comandante novo, vindo de fora, ansioso por demonstrar o seu valor perante a coorte. Há quase um ano que servia na Segunda Ilírica, e combatera ao lado de quase todos aqueles homens. Portanto, eles conheciam-no, e há muito que o tinham aceite. Todavia, não conseguia afastar a ideia de que agora o avaliariam de outra forma, e que o observariam com toda a atenção para saber se ele merecia ser o seu prefeito, ainda que interino.

O olhar de Cato foi atraído por uma figura que oscilava ligeiramente na formatura, pouco à frente. Acelerou o passo e postou-se repentinamente em frente do auxiliar.

— Nome?

O homem, que já não era um jovem, e que Cato reconheceu como um dos novos recrutas que Macro aceitara, empertigou-se e tentou manter-se tão firme quanto possível, mas o fedor a vinho barato traiu-o.

— Públio Galeno, senhor.

— Ora bem, Galeno, dir-se-ia que não estás propriamente sóbrio.

— Não, senhor.

— Estás consciente de que apresentares-te ao serviço em estado de embriaguez é uma ofensa grave?

— Sim, senhor.

— Nesse caso, não te surpreenderá saber que vais ter uma semana de faxinas extra, e que vais pagar uma multa de dez dias de salário.

— Senhor, não é justo. — Resmungou Galeno. — Há uma hora eu não estava de serviço. Nem eu nem nenhum dos rapazes. Estávamos a pensar ir passar a noite à cidade, e resolvi humedecer os lábios antes de ir — sabe muito bem o que nos levam aqueles sacanas dos mercadores locais por uma mísera ânfora — quando de repente soa o toque de formatura e, bem... — Olhou de relance para Cato. — E cá estamos, senhor.

— De facto.

Por um instante, Cato esteve à beira de cancelar o castigo ao homem. Galeno tinha alguma razão. Não lhe podia ser apontada responsabilidade pelas decisões repentinas do comando. Por outro lado, Cato já tinha tomado uma decisão, e recuar seria admitir uma precipitação. Perguntou-se o que faria Macro, mas a resposta era clara.

— Parmenião. Assinala aí o castigo deste homem. Fossem quais fossem as circunstâncias, estar bêbado em serviço é uma falta grave.

Galeno franziu o cenho e não evitou pronunciar-se.

— Senhor, não é justo.

Cato continuou a dirigir-se a Parmenião.

— Adiciona-lhe dez noites de serviço de piquete, por insubordinação.

A maxila de Galeno descaiu de espanto, até que uma reserva de autocontrolo o salvou de pior destino e o homem fechou a boca, enquanto Parmenião tomava notas rápidas com o estilete. Cato prosseguiu. Concluiu a revista e deu-se por satisfeito: cada homem levava apenas o equipamento necessário e as rações, em respeito às ordens recebidas. Montou então o cavalo que um impedido mantinha à sua espera, e dirigiu-se a trote para a cabeça da coluna.

— Segunda Ilírica! — Bradou, antes de uma ligeira pausa para gozar a sensação de ser agora o prefeito Cato, prestes a conduzir os seus homens para o combate. — Avançar!

A coorte auxiliar marchou através dos portões do campo militar e tomou a estrada para Palmira. Ainda não era meio-dia, mas o Sol já se abatia impiedosamente sobre a terra ressequida, e a habitual poeira levantada pelas botas cardadas dos soldados e pelos cascos dos cavalos ficava a pairar no ar como se fosse nevoeiro.

Ao contornarem a esquina da fortaleza, Cato viu que a coorte de Macro já estava formada na estrada, à espera. A Segunda Ilírica juntou-se-lhe, assumindo posição na retaguarda da coluna, enquanto Macro se dirigia a Cato, erguendo a mão numa saudação formal.

— O que é que te atrasou?

Cato ergueu as sobranceiras e respondeu com boa disposição.

— Senhor, viemos o mais depressa possível.

Macro franziu o sobrolho, e Cato apercebeu-se de que o amigo já tinha mais uma vez assumido o papel do profissional austero, preparado para a acção.

— Desculpe, senhor. Não voltaremos a demorá-lo.

— Assegura-te de que isso não acontece. — Macro virou-se e acenou na direcção da estrada que se estendia à frente da coluna até se perder na distância. — Enfrentamos uma dura caminhada, e um árduo combate espera-nos ao fim dela, Cato. Não tenhas dúvidas, esta vai ser a mais dura das campanhas em que estivemos metidos até agora.

Macro conduziu as duas coortes num ritmo implacável, avançando para as colinas ressequidas a leste de Antióquia. Durante o dia o Sol abatia-se ferozmente sobre a pequena coluna, e à noite a temperatura descia de forma abrupta, fazendo os homens tiritar enquanto se juntavam em torno das fogueiras e roíam as rações de carne seca e pão duro. Na primeira noite os soldados queixaram-se amargamente de dormirem ao relento, e depois de uma noite desconsolada viram-se forçados a retomar a marcha ainda as estrelas luziam no negro aveludado do céu nocturno. No dia seguinte Macro não permitiu mais do que um brevíssimo descanso ao meio do dia, de forma a que, quando a coluna finalmente se imobilizou por falta de luz suficiente para prosseguir, os homens estavam tão fatigados que nem se lembraram de protestar pela falta de tendas. Limitaram-se a deixar-se ficar onde estavam, formando linhas mal definidas, a largarem o equipamento e a aninharem-se no solo, caindo quase imediatamente no sono. E por ali ficaram até serem acordados para os respectivos turnos de sentinela.

As ordens de Longino eram bem explícitas quanto à necessidade de rapidez. Era exigido a Macro que marchasse o máximo de horas possível por dia, e que não se desse ao trabalho de construir campos fortificados ao fim de cada jornada. Todos os anos de experiência de campanhas faziam-no sentir-se dilacerado perante a necessidade de sacrificar a segurança à velocidade de deslocação. Para compensar a ausência de fossos e paliçadas, tinha dobrado o número de sentinelas e mantinha de prevenção um piquete de cavalaria para acorrer a qualquer emergência. A sobrecarga de turnos de sentinela ajudava à exaustão provocada pelos longos dias de marcha, de forma que no segundo dia já havia um pequeno grupo de soldados a atrasar-se, e a só alcançar o resto da coluna tarde na noite.

— Isto ainda vai piorar. — Resmungou Cato, enquanto observava os vultos dos últimos a chegar às apalpadelas no meio das linhas de homens já deitados sobre o solo pedregoso, à procura das respectivas unidades. — Daqui a mais um ou dois dias já nem conseguem juntar-se à coluna. Vão ficar espalhados pela estrada. Presas fáceis para quaisquer bandidos, ou para patrulhas inimigas.

— Não há nada a fazer. — Retorquiu Macro antes de bocejar, enquanto se recostava contra a sela e puxava a pesada capa militar para cima do peito. — Em qualquer coorte há sempre uns tipos mais preguiçosos. E bastam uns diazitos de marcha para os fazer vir ao de cima.

— Preguiçosos? — Cato abanou a cabeça. — Vi alguns homens perfeitamente válidos a ficarem para trás esta tarde. Se mantivermos este ritmo, os homens que conseguirem chegar a Palmira na coluna não vão de certeza estar em condições de combater.

— Oh, hã-de combater. — Ripostou Macro, confiante. — Se não quiserem ser mortos.

— Quem me dera ter o mesmo optimismo.

Macro virou-se para o jovem com uma expressão divertida que não escapou a Cato, mesmo à fraca luz das estrelas.

— O que é? Disse alguma coisa engraçada?

— Quem é que disse que eu sou optimista? Só te estou a dizer como são as coisas. Como sempre foram para um soldado em campanha. Achas que tivemos uma vida difícil na Britânia? Comparado com este deserto, isso foi um passeio pelo fórum. Este terreno é tão perigoso como o inimigo. Quando chegarmos a Cálcis, ainda nos faltarão mais de cento e cinquenta quilómetros até Palmira. — Macro deitou-se para trás, colocando um braço por baixo da cabeça. — Esta tem sido a parte fácil, Cato. Espera até chegarmos ao verdadeiro deserto. Nessa altura tu e os homens vão ter mesmo do que se queixar. Nem pensar em procurar água pelo caminho, se quisermos seguir as instruções. Quando deixarmos Cálcis, os homens terão que levar água para uns cinco ou seis dias. Não faço ideia em que estado chegarão a Palmira. Mas sei que terão que enfrentar o combate das suas vidas.

— Seria portanto boa ideia dar-lhes uma oportunidade de descansar antes do combate. — Insistiu Cato. — Estes turnos duplos não ajudam nada. Ainda estamos longe de Palmira.

— Cato, viste muito bem a facilidade com que aquele príncipe partu e os seus homens se esgueiraram por entre os nossos postos de vigia e se apresentaram à porta do governador. — Macro apontou para o horizonte com o polegar. — Quem te diz que eles não estão ali à espreita agora mesmo? À espera de uma oportunidade para atacar? Não vou correr esse risco. — Ponderou mais uns momentos. — Aliás, o melhor é daqui para a frente não fazermos fogueiras. Só para o caso do inimigo estar mesmo nas proximidades. Prefiro ter os homens gelados e derreados do que vê-los mortos. Além disso... — Um bocejo interrompeu-o. — Temos dificuldades mais imediatas.

— Oh?

— Pois. Os oficiais e os homens da minha coorte não ficaram lá muito

felizes por me verem nomeado comandante. Como se a execução do Crispo não bastasse, ainda levaram com o anterior comandante da vítima do Crispo. Foi uma espécie de bofetada para eles. E faz-me pensar se o governador não estaria a tentar arranjar-nos ainda mais problemas neste passeio até Palmira.

— Não me espantaria nada. — Assentiu Cato, desanimado. — Mais uma torçãozita na faca. O que é que eles andam a dizer, então?

— À minha frente, nada. É mais o tom dos comentários, e o ambiente fúnebre sempre que me aproximo. Como é evidente, estou-me a cagar de alto para os sentimentos que eles nutrem por mim. Só têm é que fazer o que eu mandar. Ainda assim, será boa ideia estarmos atentos a quaisquer confusões que surjam entre legionários e auxiliares. A última coisa de que precisamos é que os homens andem desconfiados uns dos outros, quando têm que se concentrar no inimigo.

— É bem verdade. — Cato lançou um último olhar sobre o acampamento improvisado, antes de se deitar no solo e tentar arranjar uma posição confortável debaixo da capa. Apesar do calor diurno, as noites eram gélidas, e não conseguiu evitar um tremor de frio. Sabia perfeitamente que ia levar algum tempo até adormecer, se o conseguisse de todo.

— Macro?

— Hum? — Respondeu o amigo, sonolento. — Que é? Que se passa?

— Quais são os seus planos para quando chegarmos a Palmira?

— Planos? — Macro fez uma pausa antes de responder. — Bem, o Longino não tinha grande coisa a dizer sobre esse momento. Temos que abrir caminho até à cidadela e mantê-la na nossa posse até à chegada do exército.

— Isso, partindo do princípio que Artaxes e os seus seguidores ainda não a conquistaram.

— Claro.

— E se já o tiverem feito?

— Nesse caso, estamos tramados. Já não teremos água, portanto nem vale a pena pensar numa retirada. Teremos que conquistar a cidade, ou então rendermo-nos. — Macro deu uma gargalhada. — Sempre a mesma história. A morte, ou a desgraça. Grande escolha, hã?

— Grande escolha, sim. — Concordou Cato, absorto.

— Bom, não há nada a fazer quanto a isso. — Concluiu Macro. — Portanto, faz-me o favor de te calares e vê se dormes. Bem precisamos.

Virou-lhe as costas e puxou de novo a capa, envolvendo o corpo maciço. Pouco depois já estava a dormir, e o seu profundo ressonar juntava-se ao coro dos outros homens adormecidos, aqui e ali interrompido por um diálogo em surdina travado por soldados que não conseguiam dormir, ou pelo resfolegar e relinchar que vinha da zona onde estavam os cavalos. Só

Cato não conseguia conciliar o sono, preocupado com a situação. Tudo parecia jogar contra eles, e embora entendesse a necessidade de enviar uma coluna de socorro para Palmira, parecia-lhe que aquele gesto do governador mais não era do que uma medida desesperada. O rei Vabathus podia até já estar morto, bem como o embaixador e o seu séquito. Naquele preciso momento, Artaxes podia estar a consolidar o seu poder e a abrir as portas do reino aos partos. Se tal sucedesse, o frágil equilíbrio de poder que tinha assegurado a paz na parte oriental do Império seria estilhaçado. A Pártia poderia então concentrar o seu veloz exército na própria fronteira da Síria e ameaçar directamente os territórios sob domínio romano, da Arménia ao Egipto. O Imperador Cláudio ver-se-ia obrigado a reforçar os exércitos do oriente, o que por sua vez se traduziria num tremendo gasto e, ao mesmo tempo, no enfraquecimento da fronteira do Reno, já subguarnecida. Mas seria isso ou permitir que a Pártia passasse a dominar vastas áreas, o que levaria à ira da população e dos rivais políticos em Roma.

Tudo aquilo poderia ter sido evitado, compreendeu Cato. Se Roma se tivesse contentado em deixar Palmira na posição de tampão entre o Império e a Pártia, a paz podia ter-se mantido, por pouco sólida que fosse. Mas assim que o tratado com o rei Vabathus fora assinado, o confronto com a Pártia tinha ficado assegurado. Sentiu uma raiva fria a crescer dentro de si ao imaginar a complacência dos políticos em Roma, na sua vida de luxo, muito longe das consequências que as suas batalhas pelo poder provocavam. Talvez tivessem calculado que os planos que tinham para Palmira justificavam o risco de provocar os partos; para eles, era apenas mais uma inócua jogada dos dados. Ali na fronteira, contudo, a aposta era feita com vidas, as vidas dos homens que dormiam na escuridão em redor. Homens cuja resistência seria levada ao limite nos dias que aí vinham, antes mesmo de terem uma oportunidade de enfrentarem o inimigo. Se triunfassem, um marcador seria muito levemente deslocado sobre o mapa do Império que se podia ver no palácio de Cláudio em Roma. Se fossem derrotados, o marcador seria simplesmente removido do mapa e atirado fora.

Sorriu amargamente perante essa ideia, e amaldiçoou-se por ser capaz de tanto desprendimento, por ser capaz de pesar as acções em que estava envolvido à luz do contexto global. Mirou Macro, que dormia despreocupado, com inveja. Por fim, muito depois de quase todos os outros se terem aquietado e adormecido, Cato mergulhou num sono perturbado sobre o solo frio e duro.

No dia seguinte a coluna deixou para trás as colinas e abordou a planície poeirenta por onde serpenteava a estrada para Cálcis. Apesar de todas as

preocupações de Macro, apenas se cruzaram com as habituais caravanas de mercadores, que aproveitaram para vender fruta e vinho aos soldados, a preços tremendamente inflacionados. O número de atrasados aumentava sem cessar, e quando chegaram a Cálcis, três dias depois de terem deixado Antióquia, Cato verificou que o efectivo da Segunda Ilírica se encontrava desfalcado de oito homens, que não se tinham apresentado a tempo à chamada matinal. Sentou-se à sombra das palmeiras que orlavam o pequeno lago em cujas margens se situava a cidade. Como outras cidades na rota das caravanas, Cálcis vivia das taxas que cobrava às caravanas de camelos que passavam pelo seu território, e os seus habitantes desfrutavam de invejáveis níveis de conforto. Porém, agora que as notícias da revolta em Palmira e do inevitável conflito entre Roma e Pártia se espalhavam entre a população, havia uma pequena multidão à espera para ver a coluna romana quando esta chegou à povoação e fez alto para descansar, e para encher os cantis e os sacos de água no lago.

Cato compreendia perfeitamente a ansiedade dos habitantes locais. O isolamento, que tanto os beneficiava em tempo de paz, tornava a cidade extremamente vulnerável quando a guerra se instalava na região, e a sua importância estratégica significava que os dois lados a tentariam ocupar. Os lucros do comércio desapareceriam, e a cidade enfrentaria tempos difíceis, que podiam mesmo pôr em causa a sua sobrevivência. O jovem focou a atenção nos números de efectivos que se podiam ler na tábua encerada que o centurião Parmenião lhe apresentava.

— Agora foram mais oito. Quantos mais vamos perder até chegarmos a Palmira?

— Senhor, quer que envie um esquadrão de cavalaria para os recolher?

Cato considerou a possibilidade por breves instantes, mas abanou a cabeça.

— Não; se eles conseguirem, seguir-nos-ão até nos alcançarem. Mas não estou para perder mais homens, e é o que vai acontecer se começar a mandar grupos de busca de cada vez que isto acontece. Assinala-os como ausentes sem licença. Se não nos alcançarem até amanhã de manhã, marca-os como desertores.

— Muito bem, senhor. — Parmenião escreveu uma nota na tábua e Cato observou-o, antes de se lhe dirigir de novo, mas desta vez em voz baixa.

— Que tal estão os homens?

Parmenião encarou-o, e depois deu uma rápida olhadela em redor, para se certificar de que ninguém os ouvia.

— Não estão mal, tendo em conta as coisas.

— Quais coisas?

O adjunto acenou na direcção dos legionários que descansavam debaixo das palmeiras, a curta distância dos homens e cavalos da Segunda Ilírica.

— Ainda há muita animosidade à conta daquela história de Antióquia. Os legionários aproveitam todas as ocasiões para provocarem os nossos rapazes. Para dizer toda a verdade, estão mortinhos por se pegarem.

— Quem, os nossos ou os do Macro?

— Todos. — Parmenião esfregou a barba que lhe nascia no queixo. — Não será preciso grande coisa para se atirarem uns aos outros.

— Temos que garantir que isso não sucede. — Sublinhou Cato com firmeza. — Passa a palavra aos outros centuriões e optios. Não podemos tolerar nenhuma confusão. Se algum dos homens provocar uma luta, caio-lhe em cima como uma montanha em derrocada. Assegura-te que todos percebem a ideia.

— Sim, senhor.

— Muito bem, Parmenião, então é tudo. Prossegue.

O adjunto fechou as tábuas enceradas, saudou-o e dirigiu-se depois para as carroças de mulas onde eram transportados os registos da coorte, o dinheiro para pagar aos soldados e uma reserva de armas e rações. Um grupo de auxiliares ocupava-se a arrumar bexigas repletas de água e cestos de frutas e carne seca compradas no mercado da cidade. Cato observou-os por momentos, e interrogou-se sobre a justeza dos cálculos que fizera quanto aos abastecimentos necessários para os seus homens atravessarem o deserto até Palmira. Tinham sido difíceis. Dentre todos os tipos de abastecimentos que um comandante tinha a considerar para manter os homens em condições, era a água a mais difícil de avaliar, dado o seu peso e a prodigiosa facilidade com que se escoava pela mais pequena fresta. Se levassem demasiada água, isso atrasaria a caminhada. Se fosse de menos, e a coluna tivesse que enfrentar uma tempestade de areia, ou uma força inimiga, que a retardassem, a água poderia esgotar-se, e os soldados sofreriam as agonias da sede, que as condições naturais do deserto depressa agravariam até à loucura.

Notou uma mancha vermelha pelo canto do olho, e avistou Macro a atravessar os portões da cidade e a dirigir-se para a coluna. Quando chegou ao pé das carroças reparou em Cato e virou na sua direcção.

— Não te levantes! — Gritou, ao reparar que Cato fazia menção de se erguer e colocar em sentido. No momento seguinte foi ele que se agachou pesadamente junto ao amigo enquanto desapertava o nó que prendia o capote e o tirava com um suspiro de alívio.

— Isso era mesmo preciso? — Indagou Cato. — Estou a falar do capote.

— Parece-me que sim. — Macro enxugou a testa suada com as costas

do antebraço. — Tenho quase a certeza de que algures em Cálcis existe algum miúdo com uma funda e muita simpatia pelos partos. Para que me hei-de eu arriscar?

— Bom, tem razão. Há notícias de Palmira?

Macro tinha estabelecido como prioridade uma visita ao conselho que governava Cálcis, e assim que a coluna chegara à cidade tinha-a cumprido. Baixou o braço e assentiu.

— Um mercador grego chegou cá esta manhã com a família. A situação em Palmira não parece nada favorável às nossas cores. O rei e os seus seguidores ainda controlam a cidadela, mas as ruas pertencem a Artaxes. Ao que parece, ele não tem lá grande controlo sobre as suas tropas, e já começaram a saquear a cidade. Por isso é que este tipo se veio embora. Tem filhas ainda jovens. Provavelmente tomou a melhor opção.

Cato concordou com um aceno.

— Além disso, ele deu-me um mapa da cidade. — Prosseguiu Macro, enquanto desenrolava um papiro que transportara por dentro da armadura. Colocou-o sobre o solo e prendeu os cantos com pedras, enquanto Cato se debruçava sobre o desenho e o examinava rapidamente. Era óbvio que tinha sido elaborado à pressa e não mostrava grande detalhe. Tudo o que tinha sido desenhado era o contorno das muralhas e a localização dos bairros mais importantes.

— Não é lá grande coisa. — Assinalou.

— Pois, mas é tudo o que temos, por agora. O grego fez o melhor que pôde, estou certo. — Macro olhou para o amigo com um sorriso de cumplicidade. — Antes que perguntes, fiz-lhe ver que precisávamos de alguém que conhecesse a região e que ele bem podia servir-nos de guia.

— E ele?

— Respondeu-me com uma linguagem, digamos, colorida. Apesar de todos os meus esforços no estudo do grego nos últimos meses, usou uma palavra que eu não conhecia. Numa palavra mais habitual, e para resumir: não.

— Uma pena.

— Mas ainda assim deu-me mais algumas informações. — Macro apontou para o semicírculo achatado que era descrito pelas muralhas de Palmira. — As defesas estão todas em excelente condição, disse ele, pelo que teremos mesmo que usar um dos portões para penetrar na cidade. A cidadela fica aqui. — Bateu com os dedos num grupo de rectângulos pretos à direita do diagrama.

— Nesse caso, podemos contornar a cidade e entrar directamente na cidadela. — Observou Cato, esperançoso.

— Era bom, era... Mas não vai ser assim tão fácil. A cidadela está en-

cavalitada numa zona rochosa mais alta que a muralha. Não há nenhum acesso directo do exterior. E no interior de Palmira só há um. Segundo o nosso mercador, a melhor entrada para nós é por aqui, neste portão no lado leste da cidade. É o caminho mais directo para a cidadela.

— Mas isso quer dizer que teremos mesmo que andar pelas ruas da cidade. — Cato abanou a cabeça ao imaginar tal cenário. — Se seguirmos esse trajecto, os rebeldes vão poder atacar-nos de todos os lados, incluindo telhados. E se estiverem de sobreaviso, facilmente bloquearão a nossa passagem. Se tivermos que andar à procura do caminho pela cidade...

— Eu sou capaz de imaginar os detalhes, obrigadinho. — Contrapôs Macro, aborrecido. — Mas por agora esta é a nossa única opção. Quer gostes ou não desta porra de plano, não temos outro.

Cato revirou os olhos, resignado, antes de prosseguir.

— E o seu mercador não tinha mais nenhuma informação?

— Tirei dele tudo o que pude. A cidadela está bem fortificada, e a guarda do rei é constituída pelos melhores homens do exército. Tipos tesos, do primeiro ao último. Pelo menos foi o que disse o grego, mas ele não me pareceu muito versado em assuntos de tropa, portanto temos que aceitar esta informação com reservas. Ainda assim, há uma notícia boa. Todas as máquinas de cerco do exército de Palmira estão guardadas num recinto que fica no interior da cidadela. Portanto, se quiser assaltar o sítio, Artaxes vai ter que construir as suas próprias máquinas. Sempre nos dá mais algum tempo, acho eu.

— E quanto às forças dele? O grego sabia alguma coisa quanto ao número de homens?

— Disse que ele tem um exército numeroso. — Macro cuspiu com desprezo. — Provavelmente aquele tipo nunca tinha visto uma turba. Não me soube dizer se eram mil ou dez mil. Não fazia a mais pequena ideia. Mas disse que o Artaxes anda a espalhar pela cidade que um exército parto vai chegar para o ajudar, e que quando isso acontecer todos os que estão na cidadela, bem como todos os que se recusarem a jurar-lhe fidelidade, serão mortos.

— Acho que podemos assumir isso como facto. — Reflectiu Cato. — No fim de contas, assim que percebeu a situação, Longino não hesitou em enviar uma força de intervenção. Não temos razão nenhuma para pensar que os partos agiram de outra forma. E nesse caso, tudo depende de quem vai chegar primeiro a Palmira.

— Precisamente o que eu penso. — Concordou Macro, enquanto enrolava o mapa. — Portanto, o melhor é deitarmos pernas ao caminho o mais depressa possível.

* * *

Pouco depois, a coluna retomou a marcha, e os homens não puderam mais do que lançar olhares desejosos à apetitosa superfície do lago, enquanto lhe percorriam as margens. Tinham tido muito pouco tempo para encher os cantis e descansar uns momentos à sombra das palmeiras, e só um pequeno número tinha encontrado ocasião de mergulhar nas águas frescas antes que chegassem, aos berros do costume, as ordens para pegar nas trouxas e armas e formar, estilhaçando o sossego que se tinha instalado em qualquer recanto onde caísse uma sombra. Os habitantes de Cálcis ficaram a ver a coluna afastar-se durante muito tempo, antes de regressarem aos seus afazeres e contemplarem o futuro com apreensão.

Do outro lado do lago, a estrada para Palmira curvava, atravessando um campo irrigado e mergulhando de imediato no deserto. Cato sentiu o coração afundar-se ao contemplar a vasta e monótona extensão de areia amarelada e de rochas que se estendia até ao horizonte, marcada por uma faixa tremeluzente de ar quente que fazia lembrar prata fundida. A coluna marchou em direcção ao calor, deixando para trás a pequena mancha verde que rodeava o lago, até que também ela foi engolida pelo ar escaldante que fazia oscilar a paisagem para onde quer que o olhar se dirigisse.

Parmenião lançou um último olhar sobre o ombro, antes de se virar para Cato e resmungar.

— Pelo menos mais uns cinco dias disto até chegarmos a Palmira. Quando isso acontecer, esses sacanas de rebeldes de merda hão-de pagar-me com sangue por cada passo que dei neste maldito deserto.